



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

PRISCILA REGINA GONÇALVES DE MELO GIAMLOURENÇO

**TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS:  
Construção da formação profissional**

São Carlos  
2018

PRISCILA REGINA GONÇALVES DE MELO GIAMLOURENÇO

**TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS:  
Construção da formação profissional**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (Produção Científica e Formação de Recursos Humanos), do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Educação Especial, sob orientação da Profa. Dra. Carla Ariela Rios Vilaronga.

**Agência Financiadora: Capes**

São Carlos  
2018

Giamloureño, Priscila Regina Gonçalves de Melo

Tradutor e Intérprete de Libras: Construção da formação profissional /  
Priscila Regina Gonçalves de Melo Giamloureño. -- 2018.  
92 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São  
Carlos, São Carlos

Orientador: Profa. Dra. Carla Ariela Rios Vilaronga  
Banca examinadora: Profa. Dra. Ana Claudia Balieiro Lodi, Profa. Dra.  
Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, Profa. Dra. Lara Ferreira dos Santos  
Bibliografia

1. Tradutor e Intérprete de Libras. 2. Formação Profissional. 3. Educação  
Especial. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial

---

**Folha de Aprovação**

---

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Priscila Regina Gonçalves de Melo Giamloureço, realizada em 16/02/2018:

---

Profa. Dra. Carla Ariela Rios Vilaronga  
UFSCar

---

Profa. Dra. Lara Ferreira dos Santos  
UFSCar

---

Profa. Dra. Cristina Broglio Feitosa de Lacerda  
UFSCar

---

Profa. Dra. Ana Claudia Balieiro Lodi  
USP

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Cristina Broglio Feitosa de Lacerda e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ao) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

---

Profa. Dra. Carla Ariela Rios Vilaronga

## AGRADECIMENTOS

A vida é uma dádiva e ter pessoas também é um grande presente. Aliás, poder compartilhar me leva para frente.

Ao longo dos anos, repletos de experiências, em todas as esferas de minha vida tenho tido a oportunidade de ampliar diferentes possibilidades e, o mais incrível, é que esse processo se dá em parceria.

Quando não consigo, tem alguém para me ajudar e, mesmo diante dos avanços, sei que cheguei pela possibilidade de partilhar. De partilhar com aquele que sabe mais do que eu, que já andou mais do que eu, e ainda assim, está lá e não se importa se eu perguntar. De partilhar com aquele que está dando um passo parecido ou um pouquinho atrás, mas que também pode caminhar comigo.

De fato, o todo que eu vivo, as oportunidades grandes e pequenas me fazem alcançar o que é preciso. Pode ser pequeno para uns, grande demais para outros, mas o valor é por mim atribuído e, verdadeiramente, é muito precioso e enche meu coração.

Não seria possível agradecer em poucas linhas, então, a todos que mais diretamente participaram deste processo formativo, minha gratidão.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Capes.

À minha orientadora, Carla Ariela Rios Vilaronga, por me fazer entender e por compreender meu ritmo, nem tanto acelerado, de fazer ciência. Que bom, que bom que você chegou!

Aos professores do PPGEEs/UFSCar e à equipe administrativa por todo apoio.

Aos colegas de formação e ao Grupo Surdez e Abordagem bilíngue pela possibilidade de reflexão.

Às professoras da Banca Examinadora de qualificação e defesa, Ana Claudia B. Lodi, Cristina B. F. de Lacerda e Lara Ferreira dos Santos, minha gratidão ao longo desta trajetória profissional que tanto ampliou minha trajetória pessoal. Aos professores suplentes, Marcus Vinicius B. Nascimento e Kathryn Marie P. Harrison, minha gratidão pela atenção.

Aos colegas de profissão que tanto me ensinam, mesmo sem saberem disso. Aduato, Adriano, Anderson, Joyce, Sarah e todos os tradutores intérpretes de Libras que fazem parte do meu contínuo processo de construção da formação.

À comunidade surda pelas amplas possibilidades.

À minha amada família por estar comigo.

Aos meus pais, David e Rosa, por tudo em todo o tempo. Aos meus irmãos pela parceria e alegria. Cunhados e sobrinhos por também fazerem parte dessa vida.

À minha filha tão querida, Elida, uma herança nessa vida.

Ao Rodrigo, companheiro e amigo. Obrigada por me levar, por me esperar, por me acompanhar, pelo mesmo coração.

Diante disso, que não reflete tudo, mas externa um pouco do que sinto, meus agradecimentos as essas e a todas as pessoas dessa vida.

E no mais, no fim, mas desde o começo, graças pela vida. Graças ao Autor da vida.  
Deus!

## RESUMO

GIAMLOURENÇO, P.R.G.M. Tradutor Intérprete de Libras: Construção da formação profissional. 2018. 93p. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

O processo de inclusão de surdos nos diferentes espaços sociais se torna possível, principalmente, a partir do exercício profissional do tradutor e intérprete de Libras que, para realizá-lo, pressupõe-se ter uma condição de formação que contemple os avanços sociais e políticos no campo da surdez. A profissão, recentemente reconhecida no país, se consolida, entre outras coisas, pelos movimentos sociais da comunidade surda, nos quais reflete expressiva participação. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo investigar o desenvolvimento profissional do tradutor e intérprete de Libras, especificamente, analisar as experiências formativas significativas e caracterizar os processos formativos. Para tanto, investiga-se a construção da formação profissional de tradutores e intérpretes que atuam em um município no interior do Estado de São Paulo. Os participantes dessa pesquisa, três tradutores e intérpretes de Libras, são indicados por representante da associação de surdos local e, por meio de entrevista semiestruturada com roteiro validado em estudo piloto, compartilham as experiências formativas consideradas significativas. O estudo qualitativo buscou apreender conteúdos e sentidos dos processos formativos na construção da formação profissional cuja investigação levou a concluir que a mesma pode ser construída de maneira multideterminada a partir da formação comunitária, da formação sistematizada e da formação em serviço. As análises permitem visualizar que a pluralidade formativa dos sujeitos pesquisados é construída sob uma postura reflexiva a partir do conhecimento das línguas, da participação do profissional na comunidade surda, do intercâmbio linguístico com surdos fluentes na Libras, bem como pela partilha estabelecida com pares intérpretes e profissionais mais experientes. Destaca-se, ainda, o desenvolvimento profissional pelos conhecimentos construídos a partir da formação sistemática, pelos saberes possíveis de serem produzidos e reproduzidos na formação continuada, pela participação em eventos da área e na formação ao longo da atuação. Compreende-se que a reflexão crítica do fazer profissional é determinada pelos processos formativos, os quais também determinam a própria reflexão crítica e a construção da formação profissional. Sem esgotar a necessidade de novas investigações que contemplem o objeto de estudo em questão, haja vista o movimento dinâmico inerente às ações de inclusão do surdo na sociedade e a valorização da profissão no mercado de trabalho, essa pesquisa buscou compor o arcabouço teórico da área que tem alcançado amplo patamar, principalmente, pós legislação de reconhecimento e valorização da Libras. Os saberes e conhecimentos refletidos no estudo, reconhecidos os limites da pesquisa, buscam contribuir com a formação profissional do tradutor e intérprete de Libras.

**Palavras-chave:** Tradutor e Intérprete de Libras. Formação profissional. Desenvolvimento profissional. Inclusão de Surdos. Educação Especial.

## ABSTRACT

GIAMLOURENÇO, P.R.G.M. Translator and Interpreter of Brazilian Sign Language: Construction of professional training. 2018. 93p. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

**Abstract** The process of deaf people inclusion in different social spaces becomes possible, mainly, by the professional practice of the translator and interpreter of Libras (Brazilian Sign Language), that to do it presupposes a condition of formation that contemplates the political and social advances in deafness's field. The profession, recently recognized in Brazil, is consolidated, among others, by the social movements of deaf community, in which one this professional reflects expressive participation. In this sense, the present research aims to investigate the professional development of Libras translator and interpreter, specifically, to analyze the significant formative experiences and to characterize the formative processes. To do so, based on an interview with open questions, the construction of the professional training of translators and interpreters working in a city in the interior of the State of São Paulo is investigated. The participants of this research, three translators and interpreters of Libras, were indicated by local deaf association and through an interview with a script validated in a pilot study they shared the formative experiences considered significant. The qualitative study sought to apprehend contents and meanings of the formative processes in the construction of professional training, and the investigation allowed to contemplate that this training can be occur in a plural ways by the community formation, by the systematized formation and by the formation in service. The analyzes allowed to visualize that the formative plurality of the subjects studied is constructed from a reflexive posture based on the knowledge of the languages, based on the participation of the professional in the deaf community, on the linguistic exchange with deaf fluent in Libras, as well as the sharing with interpreters and professionals more experients. It is also worth noting the professional development of the knowledge built from the systematic training, the possible knowledge of being produced and reproduced in the continuous formation, the participation in events of the area and in the formation throughout the performance. It is understood that the critical reflection of the professional doing is determined by the formative processes, which also determine the own critical reflection and the construction of the professional formation. It is necessary more investigations that contemplate the object of study in question, having seen the dynamic movement inherent the actions of inclusion of the deaf in society and the valorization of the profession in the labor market, this research sought to compose the theoretical framework of the area that has reached a broad level, mainly, after the legislation of recognition and appreciation of Libras. The knowledge reflected in the study, although the limits of the research, seek to contribute to the professional training of the translator an interpreter of Libras

**Keywords:** Translator and Interpreter of Brazilian Sign Language. Professional Training. Professional Development; Inclusion of the deaf. Special Education.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
CAPÍTULO 1.....	21
TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO: A COMUNICAÇÃO POSSÍVEL PELO ATO DA CONVERSÃO DE LÍNGUAS E DA APROXIMAÇÃO DE SEUS FALANTES .....	21
<i>1.1 Pesquisas recentes sobre o tema</i> .....	27
CAPÍTULO 2.....	35
FORMAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS. 35	
<i>2.1 Os desafios da profissionalização e o desenvolvimento profissional: seleção     conceitual da docência para a tradução e interpretação</i> .....	40
CAPÍTULO 3.....	47
PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	47
<i>3.1 Local</i> .....	48
<i>3.2 Participantes</i> .....	48
<i>3.3 As entrevistas com os Tradutores e Intérpretes de Libras e língua portuguesa</i> .....	50
CAPÍTULO 4.....	55
CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	55
<i>4.1 Formação Comunitária</i> .....	55
<i>4.2 Formação Sistematizada</i> .....	61
<i>4.3 Formação em serviço</i> .....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	83

## APRESENTAÇÃO

Tudo começou pela visão, canal de recepção da língua de sinais para um surdo vidente, quando vi alguém tentando se comunicar. Aquela comunicação de modo tão distinto me deixou instigada e percebi que era diferente à que estava habituada. Era com as mãos. Seriam gestos? O que falava e por que se expressava daquela forma?

Foi quando, no contexto da fé, tive a oportunidade de visualizá-la - a língua de sinais, pela primeira vez. Desde então, as vivências foram tantas que me favoreceram oportunidades ímpares na esfera profissional, acadêmica, linguística, social e, evidentemente, pessoal. Pequenas e grandes experiências, mas todas com um grande valor que formam o meu todo constituído de partes e que é favorecido pelo que tenho vivido.

O primeiro contato com a língua foi no fim nos anos 1990, no contexto religioso. O que naquele momento era novo para mim, já se apontava como marco inicial na trajetória de pessoas que iniciavam uma prática de estabelecer contato entre surdos e ouvintes, não apenas no Brasil, mas em outros lugares do mundo.

No país, esse era um momento em que os estudos sobre a língua de sinais estavam se ampliando e os estudos sobre tradução e interpretação se iniciando. É importante mencionar, também, que novas formas de representação sobre os surdos começaram a ser difundidas pelas políticas que principiavam os direitos dessa parcela social, despontando avanços sociais e políticos na área da surdez.

A partir de uma primeira experiência profissional como tradutora e intérprete de língua brasileira de sinais (Libras), no contexto de Educação Especial, comecei a compreender que o campo era bem maior e mais complexo do que eu percebia inicialmente, e para explorá-lo precisava de ferramentas que me permitissem ampliá-lo.

Sendo convidada para atuar nesse contexto, ao ser indicada por um surdo que a instituição foi visitar - o mesmo para o qual no contexto religioso tinha a oportunidade de interpretar, percebi que não era possível mais atuar apenas pelo saber que se construía na prática e seria necessário ampliar meus conhecimentos.

Foi quando numa busca virtual sobre formação na área da tradução e interpretação em Libras encontrei, bem perto mim, no ano de 2008, o próximo passo nessa tão especial jornada profissional e acadêmica: um Curso Superior de Formação Específica em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa. Considerado como propulsor, a meu ver, levou-me a adentrar no mundo da tradução e interpretação em língua de sinais e língua oral de modo mais estruturado e elaborado.

Ainda que tenha chegado com uma bagagem significativa proveniente da prática e do contato com a comunidade surda, o que já não mais se restringia aos encontros em igrejas, mas tinha se ampliado para outros espaços sociais, pude, no curso superior, começar a organizar, de forma sistematizada, o que sabia da experiência. Essa formação em espaço formal, além de ampliar a reflexão a partir de uma postura investigativa que já vinha adotando, ressignificou minha trajetória profissional em percurso.

Os conhecimentos da prática passaram a fazer sentido e, esta, a ser interpretada com fundamentação, conceituação e espaço de reflexão coletiva. O surdo foi sendo compreendido como um sujeito cultural e a língua de sinais foi se potencializando em mim e me potencializando. As discussões, as reflexões, as inquietações, as trocas com colegas e professores surdos e ouvintes, bem como as demais experiências vividas nesse espaço e a partir dele, ampliaram possibilidades de uma profissional que continua em formação.

Nas oportunidades de ler, conhecer, investigar e de estabelecer trocas com pares linguísticos, surdos e ouvintes, saberes foram construídos e parcerias firmadas sob a compreensão de que ainda existia e existe muito a se explorar. Surge, então, a oportunidade de um curso de pós-graduação lato-sensu, também na área da surdez, Libras e educação de surdos, no qual, no trabalho de conclusão, minha produção escrita apresentava um projeto, “Sinais & Vida, o surdo e sua língua de expressão”.

Trata-se de uma proposta de inclusão de surdos de iniciativa pessoal, compartilhada e realizada em parceria com surdos e profissionais envolvidos com a causa da surdez e com o apoio de instituições, o qual configurou-se como um espaço de discussão e aprendizado acerca dessa dimensão social e linguística, o que, para mim, representa um marco da trajetória profissional.

Novas inquietações fizeram entrar em percurso outra pós-graduação, a psicopedagogia com ênfases clínica e institucional, que permitiu, também nos trabalhos de conclusão de curso, respectivamente, a reflexão sobre o desenvolvimento infantil de crianças surdas e a linguagem como fator de constituição e reconhecimento do sujeito, bem como a reflexão sobre a formação continuada em Libras e educação de surdos.

A trajetória brevemente compartilhada nessa apresentação foi ganhando maturidade após a experiência profissional como tradutora e intérprete de Libras no âmbito da educação especial. Na UFSCar, tive a oportunidade de atuar enquanto tradutora e intérprete de Libras no Programa Incluir. Posteriormente, na SeaD UFSCar (Secretaria de Educação a Distância), atuei com a tradução e interpretação Libras/língua portuguesa e na tutoria virtual das disciplinas de introdução a Libras. Ainda no contexto da SEaD UFSCar, atuei na tutoria de

uma disciplina que abordava questões relacionadas à Educação Especial, experiência que enriqueceu meu repertório relacionado a esse campo do saber.

Após concluir a Licenciatura em Pedagogia nessa mesma instituição, pesquisando o tradutor e intérprete de Libras no trabalho de conclusão deste curso, foi no contexto da pós-graduação, especificamente, no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PPGEEs) da UFSCar que se tornou possível ampliar as possibilidades de saberes e construção de conhecimentos. Nesse âmbito, a partir de práticas, investigações e reflexões que potencializaram ainda mais a minha formação profissional, pude compreender que, compartilhada com pares, professores e colegas com diferentes níveis de fazer ciência, a pesquisa em grupo pode ser construída de uma forma extremamente significativa.

A reflexão sobre a trajetória formativa do tradutor e intérprete de Libras passou a ser objeto de investigação, refinada, inclusive, a partir da participação no Grupo de Estudos Surdez e Abordagem Bilíngue e da disciplina Pensamento e Linguagem. A formação do profissional e de como ela se constrói começou a ser investigada e norteou a pesquisa com algumas questões:

1. Quais são as experiências de formação do tradutor e intérprete de Libras?
2. Como o tradutor e intérprete de Libras constrói-se profissionalmente?
3. Quais seriam as modalidades de formação e o papel desses caminhos?
4. Como ocorre a formação social do fazer profissional?

A hipótese de que a formação do tradutor e intérprete de Libras é multideterminada foi reconhecida. As possibilidades decorrentes das experiências desde o saber inicial da língua de sinais podem ser consideradas como determinantes na construção da formação profissional, se essa for assumida de modo contínuo e protagonizada de forma reflexiva e investigativa.

Sob uma perspectiva de pesquisadora sobre a construção da formação do tradutor e intérprete de Libras, cheguei ao objetivo principal da pesquisa que foi o de investigar o seu desenvolvimento profissional. Para tanto, fez-se necessário levantar as experiências formativas significativas de tradutores e intérpretes de Libras, caracterizando seus processos formativos e analisando o papel desses caminhos.

A investigação, sendo delineada de modo crítico e reflexivo, principalmente, após o exame de qualificação, apurou-se a partir dessa experiência ímpar que em momento oportuno confere novos modos de conceber a própria pesquisa. Desse modo, foi pela compreensão decorrente das orientações e sugestões da banca que se ampliou as possibilidades e

amadurecimento teórico sobre as questões relacionadas ao estudo proposto, bem como os aspectos da tão complexa escrita científica.

A terminologia que se refere ao tradutor e intérprete de Libras, nomenclatura utilizada no presente estudo, está prevista na Lei que regulamenta a profissão (BRASIL, 2010), bem como no decreto que regulamenta o reconhecimento da Libras no país (BRASIL, 2005) tendo em alguns momentos o acréscimo dos termos língua portuguesa. Neste estudo, quando a terminologia se apresentar de modo distinto ao que aqui se adota, estará de acordo com o uso feito pelos autores que embasam e são citados nesta pesquisa que é desenvolvida a partir de quatro capítulos.

O capítulo 1 apresenta uma conceituação dos termos tradução e interpretação e os sentidos a eles atribuídos, especificando as atividades e pontuando aspectos que lhes são inerentes. Introduce também a figura do tradutor e intérprete e a prática realizada a partir de diferentes línguas por esse profissional que vem ao longo da história da humanidade potencializando as relações sociais de diferentes grupos, inclusive, de surdos que, tendo esse recurso humano, têm sua participação social mais ativa.

No segundo capítulo, é tecida uma reflexão sobre a formação do tradutor e intérprete de Libras, buscando fundamentar aspectos relacionados à formação do profissional a partir de uma aproximação teórica conceitual com o processo de profissionalização da docência. No capítulo três, os aspectos metodológicos da pesquisa são apresentados, trazendo seu percurso, levantamento e análise de dados sob a abordagem adotada, bem como o perfil dos sujeitos participantes.

As análises do estudo e as reflexões que delas emergem sobre a construção da formação do tradutor e intérprete de Libras são expostas e construídas no quarto capítulo que, embora contemple uma subdivisão das categorias, aponta aspectos plurais que se relacionam e favorecem o desenvolvimento e a construção da formação profissional do tradutor e intérprete de Libras.

As considerações finais contextualizam as discussões das análises apresentando aspectos que são determinados pelo processo formativo e que também determinam tal processo, buscando contribuir com novas reflexões sobre a formação desse profissional. O tradutor e intérprete de Libras passa por experiências formativas que o constituem e que merecem ser investigadas, valorizadas e sistematizadas, o que se busca fazer a partir dessa pesquisa que não encerra a necessidade de aprofundamento acerca desse tema tão relevante.

## INTRODUÇÃO

A inclusão de surdos no país tem sido possível, entre outros, a partir da atuação do tradutor e intérprete de Libras. Ao se refletir sobre a constituição da história dessa profissão no Brasil, visualiza-se, consultando bibliografia na área (QUADROS, 2004; MARTINS, 2009; SANTOS, 2013;), que a atividade é reconhecida recentemente tanto no Brasil quanto no mundo, tendo início no contexto das ações de inclusão de surdos nas instituições religiosas em diferentes países.

Pesquisando fontes documentais do acervo histórico do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), inicialmente denominado Imperial Instituto para surdos mudos, inaugurado no Rio de Janeiro, nos anos 1857, Rocha (2016) mostra que em documentos datados de 1908 a conversão linguística já era solicitada, assim a “atuação desse profissional no campo da surdez data de mais de um século” (ROCHA, 2016, p. 247), considerando o que há registrado.

Entretanto, dado que a interpretação em língua de sinais aloca-se nos Estudos da Tradução como Interpretação Comunitária, não há como, de fato, sinalizar quando se inicia a atuação, uma vez que emerge das situações de interações entre sujeitos em espaços distintos (NASCIMENTO, 2016).

No presente estudo, não é investigado o início da profissão, mas infere-se que a atuação do tradutor e intérprete de Libras no país vem, além das ações de interpretação comunitária, desde os primórdios do fazer educacional direcionado ao público surdo com a implantação do INES, lócus que pode ser entendido como precursor da educação dessa parcela social e como o primeiro espaço de institucionalização da atividade.

Ao apresentar uma dimensão sobre a história e formação do intérprete de língua de sinais no Brasil e no mundo, Nascimento (2016) mostra que, diferente da emergência do intérprete de língua oral que surge num contexto de diplomacia em situação de reconhecimento social e com evidência no contexto internacional, o intérprete de língua de sinais passa a ter visibilidade profissional a partir da necessidade de se garantir os direitos da comunidade surda no contexto educacional.

A nível internacional, ainda com base no autor supracitado, os EUA protagonizam a profissionalização do intérprete de língua de sinais, tendo, a partir do reconhecimento linguístico da língua americana de sinais (American Sign Language – ASL), nos anos 1960,

programas de formação, avaliação e certificação, além de pesquisas e eventos que estabelecem e consolidam a área.

Desse modo, é a partir dos meados do século XX, quando as pesquisas da ASL se iniciam, que novas visões acerca da surdez emergem despontando a compreensão da diferença linguística do surdo, processo que, ao longo dos anos, vem conferindo não apenas visibilidade, mas também reconhecimento social e legal àqueles que atuam como mediadores nos processos sociais entre surdos e ouvintes nos diferentes países, inclusive, no Brasil.

O contexto religioso, principalmente de ordem protestante, foi um campo que protagonizou o reconhecimento da surdez como particularidade étnico-linguística, sendo também um espaço de experiências de formação de seus intérpretes que passaram a atuar em diferentes esferas sociais que transcendem os muros da igreja (SILVA, 2011).

Embora possa ser compreendida como uma das primeiras ações de inclusão de surdo no país, a atividade nos espaços religiosos, conforme aponta Nascimento (2014), emerge como uma prática não profissional, tendo sua gênese como uma ação voluntária, e, como destaca o autor, “a expansão dessa atividade para além do universo religioso aconteceu na medida em que os movimentos sociais de e para surdos iniciaram a protagonização de lutas em prol do reconhecimento de sua língua, comunidade, identidade e cultura”[...] (p. 1123).

Assim, vale destacar que, em relação ao tradutor e intérprete de Libras,

As travessias que historicizam este profissional estão demarcadas juntamente às lutas das comunidades surdas [...]. Estes movimentos advêm principalmente dos ambientes religiosos, que foram os primeiros a popularizar a língua das pessoas surdas como veículo de comunicação, expressão, educação e evangelização social, trazendo a polêmica da identidade linguística destes sujeitos, promovendo o direito à autonomia dessas pessoas como seres de expressão política, social e cultural (SANTOS, 2012, p. 3).

Esses movimentos são fundamentais aos processos sociais e políticos de reconhecimento legal da língua de sinais no país. Essa língua é um instrumento de trabalho do tradutor e intérprete de Libras, e a garantia de seu uso e difusão pelos direitos dos surdos amplia as possibilidades de atuação desse profissional na efetivação das ações de inclusão do grupo social que faz uso desse meio de comunicação e expressão.

É nesse sentido que lutas e conquistas vêm transformando a realidade da comunidade surda no Brasil, pois “o movimento social Surdo iniciou uma ampla mobilização para chamar a atenção dos governos federal, estadual e municipal a favor do reconhecimento da LIBRAS e da educação bilíngue para Surdos” (ZOVICO; SILVA, 2013, p. 128).

A partir dos movimentos das comunidades surdas, tem-se a emergência dos avanços sociopolíticos no âmbito da surdez, ascendendo o valor da língua de sinais que passa a ser utilizada e difundida com respaldo de lei pelo seu potencial na vida dos surdos, fato que confere uma amplitude conceitual, social e legal na área, além de trazer novos contornos à história do tradutor e intérprete de Libras no país.

Esses movimentos são, entre outros, estruturados a partir de instituições representativas dos surdos. A Federação Nacional da Educação e Integração de Surdos (FENEIS), por exemplo, faz parte das conquistas e por elas envida esforços abrangendo os direitos dos surdos e também tratando de questões relacionadas aos profissionais que atuam na área.

Diferentes ações vêm sendo realizadas em relação à formação e à atuação do tradutor e intérprete de Libras, dentre elas, eventos que reúnem a categoria desde o final dos anos 1980 e a criação, em 1992, do Departamento Nacional de Intérpretes da FENEIS que atua no reconhecimento de intérpretes pela entidade (NASCIMENTO, 2016).

Assim, a constituição da prática como atividade profissional é impulsionada no país, entre outros, pelas ações da federação que passa a cadastrar e avaliar tradutores e intérpretes de Libras atuantes, consolidando a atividade que vai sendo exercida em diferentes espaços públicos e privados para atender as demandas sociais dos surdos.

Outro aspecto considerado extremamente relevante é que a legislação que contempla os direitos dos surdos no Brasil a partir dos anos 2000, além de estabelecer previsões legais para sua garantia, também confere novos rumos à história do tradutor e intérprete de Libras, impulsionando uma reconfiguração do perfil e da atuação profissional.

De acordo com Zovico e Assis (2013), o tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais é um importante agente da acessibilidade para o surdo e, historicamente, tem espaço nas discussões que fazem referências à língua de sinais nos marcos legais que versam sobre esse tema, conforme se vê a seguir.

A Lei 10.098 (BRASIL, 2000) sinaliza a implementação, pelo poder público, da formação do intérprete de linguagem de sinais e apresenta, em sua regulamentação, a partir do decreto 5.296 (BRASIL, 2004), artigo 6º parágrafo III, que o serviço para as pessoas com deficiência auditiva deve ser prestado por intérpretes ou pessoas capacitadas em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

A Lei 10.436 (BRASIL, 2002) reconhece a Libras como meio de comunicação e expressão e passa a potencializar, sobretudo, as ações e concepções nesse campo. Em sua

regulamentação, através do decreto 5.626 (BRASIL, 2005), tem-se a certificação e formação do tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais em nível médio e superior.

Esse decreto amplia a concepção da surdez, proporcionando mais visibilidade e credibilidade à língua de sinais e à inserção do profissional nos locais públicos. No artigo 26, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração federal direta e indireta devem garantir às pessoas surdas o tratamento diferenciado por meio do uso e difusão de LIBRAS e da tradução e interpretação de LIBRAS – Língua Portuguesa (BRASIL, 2005)

Esses documentos, mesmo versando diferentes denominações acerca do surdo, de sua língua e do tradutor e intérprete de Libras, têm como premissa promover e garantir a acessibilidade, contemplando, para tanto, a presença desse profissional pela previsão de sua inserção que é ampliada para diferentes espaços sociais.

No Brasil, por meio de políticas de proteção inclusivas e linguísticas, compreende-se que o campo da surdez vem alcançando novas margens de valorização. Os avanços sociais e políticos conferem o reconhecimento da profissão do tradutor e intérprete de Libras que foi regulamentada pela Lei 12.319 (BRASIL, 2010). A conquista é fruto de uma “mobilização nacional por parte dos profissionais que já atuavam como tradutores-intérpretes, pois, no exercício da atividade não tinham respaldo legal, tampouco, em muitos casos, reconhecimento profissional [...]” (ROCHA, 2016, p. 247).

Ao longo dos últimos anos é possível visualizar desdobramentos que impulsionam novos modos de representar o exercício e a profissão do tradutor e intérprete de Libras no país. A regulamentação da Lei nº 10. 436 (BRASIL, 2002), pelo decreto nº 5626 (BRASIL, 2005), muito presente e discutida na literatura da área, pode ser compreendida como a tônica para uma abertura não apenas ao reconhecimento legal e social da língua de sinais, mas também para a produção científica, investigações e formação no espaço acadêmico, dada sua previsão em nível superior.

No momento atual,

a emergência na formação de TILSP<sup>1</sup> abre novas possibilidades de pesquisa, oferecendo espaços, inclusive, para que os profissionais que atuam há algum tempo no mercado adentrem na academia para uma reflexão metalinguística sobre sua prática construindo percursos teóricos para embasá-la, contribuindo com a sistematização dos processos interpretativos e com a formação de novos profissionais (NASCIMENTO, 2011, p. 29).

---

<sup>1</sup> Tradutor Intérprete de Língua de Sinais/Língua Portuguesa

Tradicionalmente, o tradutor e intérprete de Libras iniciou suas bases formativas em experiências que podem ser consideradas não formais do ponto de vista institucional, todavia, essenciais para a prática e para a formação profissional. No percurso histórico, as ações institucionalizadas, principalmente, a partir de previsões legais passaram a engendrar, além da formação sistemática institucional, a profissionalização da categoria.

No que concerne à legislação, o Decreto 5.626 (BRASIL, 2005) prevê a formação em nível médio e superior, sendo esta última indicada no Art. 17 do Capítulo V deste documento, a qual “deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras – Língua Portuguesa” (BRASIL, 2005).

Promulgado em 2005, no que se refere à formação em nível médio neste documento legal, está posto que

Art. 18. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, a formação de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

- I - cursos de educação profissional;
- II - cursos de extensão universitária; e
- III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação (BRASIL, 2005).

Na Lei que regulamenta o exercício desse profissional, de nº 12.319 (BRASIL, 2010), visualiza-se

Art. 4º A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

- I - cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou;
- II - cursos de extensão universitária; e
- III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação (BRASIL, 2010).

Embora o Decreto 5.626 (BRASIL, 2005) estipule um prazo para a formação em nível médio, essa modalidade está prevista e garantida na Lei 12.319 (BRASIL, 2010). Considera-se, no entanto, que a atuação em espaços distintos demanda condições de formação também distintas e, em alguns casos, até mesmo específicas, tanto para quem está na área ou nela quer adentrar.

A atuação e a formação do tradutor e intérprete de Libras sofrem mudanças em função de diferentes fatores no que tange à atividade que exerce e ao público com o qual atua, seja pela mobilidade social, histórica e também política do campo da surdez. Desses movimentos

emerge ainda a produção científica na área da tradução e interpretação do par linguístico Libras/Português.

Em relação às investigações nesse campo, Santos (2013) indica que as pesquisas têm se ampliando nos últimos anos. Compreende-se que o processo de investigação ocorre contígua à atividade e sua profissionalização que passaram a receber mais atenção nas investigações na última década, haja vista a “maturidade conceitual que a área de Tradutor Intérprete de Língua de Sinais (TILS) tem alcançado nestes últimos anos [...]” (SANTOS, 2013, p. 97).

O campo do saber dos estudos da tradução e interpretação é recente não apenas para as línguas de sinais, mas também para as línguas orais. Os Estudos da Tradução das línguas orais emergem a partir dos anos 1970, fora do contexto brasileiro, e na década de 1980 no Brasil, enquanto os Estudos da Interpretação, como campo de saber, têm início nos anos 1990 no país (II JETILS). De acordo com Pereira (2010), 1995 é um marco nas pesquisas na área da tradução e interpretação da Libras, que foram posteriormente impulsionadas a partir da lei que reconhece a língua no país e do decreto que a regulamenta.

Os movimentos surdos, atrelados aos conhecimentos científicos e à emergência das leis, configuram novos modos de atenção à pessoa surda e reorientam as práticas sociais direcionadas a esse público. Há também um impulso na formação profissional do tradutor e intérprete de Libras, influenciada por outros fatores e ampliada a partir dos posicionamentos e/ou posturas que se pode assumir diante deles.

Frente a uma profissão de formação sistemática institucional relativamente nova e de reconhecimento recente, com o objetivo de investigar o desenvolvimento profissional do tradutor e intérprete de Libras e compreender a construção de sua formação profissional, o estudo busca subsídio conceitual nos construtos teóricos da formação docente.

A proposição desta pesquisa não é avaliar a formação de professores, muito menos fazer um comparativo com a profissão do tradutor e intérprete de Libras, por entender que são profissões com especificidades totalmente diferentes. Entretanto, alguns conceitos da área são trazidos para a discussão, entendendo que os mesmos podem favorecer a compreensão na área da tradução e interpretação em Libras/língua portuguesa.

A aproximação que se propõe está na lógica da construção da profissão, uma vez que a docência e a tradução e interpretação Libras/língua portuguesa têm gênese como ofício, mas se tornam uma profissão. O magistério com mais tempo de luta tem, entre outros, a criação de

estatuto, a certificação, a formação sistematizada e a luta pelo reconhecimento dos saberes da formação que já existe.

Desse modo, pela linha do caráter da profissão e pela compreensão de que a formação de professores tem mais tempo de discussão teórica e pesquisa de área, e a formação do tradutor e intérprete de Libras está em processo, busca-se uma aproximação teórica para refletir sobre a formação desse profissional.

Com base na hipótese de que a formação do tradutor e intérprete de Libras constrói-se multideterminadamente, compreende-se que diferentes agentes formadores podem efetivar esse processo. O profissional que se insere no campo de atuação com ou sem experiência pode ter uma formação ampla perpassada pela formação inicial e continuada, aspectos que, entre outros, como o pensar sobre a prática e a troca entre pares são levantados nessa reflexão.

## CAPÍTULO 1

### **TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO: A COMUNICAÇÃO POSSÍVEL PELO ATO DA CONVERSÃO DE LÍNGUAS E DA APROXIMAÇÃO DE SEUS FALANTES**

Diferentes sentidos podem ser atribuídos aos termos tradução e interpretação, atividades realizadas para possibilitar a comunicação e o acesso à informação a um público que poderia ficar alheio devido à diferença linguística. Falar sobre os conceitos de tradução e interpretação não é uma tarefa simples, dada a existência de diferentes conceituações. Diante disso, buscou-se trazer alguns sentidos atribuídos aos termos, assim como os que foram adotados neste trabalho.

Martins (2016) apresenta o conceito de interpretação como uma atividade que se concretiza pela oralidade, independentemente se a modalidade da língua é oral ou de sinais. Uma diferença, segundo a autora, diz respeito à interpretação acontecer em tempo real, ao vivo, sem “tempo para refacção do enunciado posto” (p. 4), enquanto a tradução, atividade mediada pela escrita, “ocorre com tempo para estudo do texto a ser reconfigurado em outra língua”. (p. 4-5).

De acordo com Santos (2014), ambas favorecem a comunicação por meio de línguas, o que possuem em comum, entretanto, ainda que com aspectos semelhantes; são específicas e uma distinção entre a tradução e a interpretação, entre outras, é o modo como são realizadas, isto é, por meio de textos escritos ou orais.

Conforme Nascimento (2016), a tradução é realizada para mediar atos em registro, dispondo de tempo para sua produção e podendo ainda ser realizada a partir de diferentes recursos, além da possibilidade de ser revista antes da produção final. A interpretação, todavia, com base no autor, é realizada numa dada imprevisibilidade do que é posto em discurso, em diálogo nos atos da fala, sem a possibilidade de revisão, mas apenas de reformulação imediata.

Ao refletir sobre a tradução e a interpretação e a pluralidade possível de materiais, registros e recursos correspondentes, tais como vídeo, áudio, textos, podcasts, bem como nas variações dos discursos que podem ser produzidos e reproduzidos em diferentes linguagens, compartilha-se que “a atualidade nos brinda com uma diversidade inovadora de modos de interação e, conseqüentemente, de interação interlíngua (PEREIRA, 2015, p. 47).

Assim, como processos distintos, mas que se aproximam, uma vez que são “cunhados na translação de material linguístico cultural de uma língua à outra, caracterizam-se pela maneira por meio da qual acontecem linguística, cognitiva e operacionalmente” (RODRIGUES; BEER, 2015, p. 19), sendo fundamentais para viabilizar as trocas interlinguísticas e a comunicação entre falantes de diferentes línguas a partir de suas múltiplas formas de expressão por meio delas.

Como é possível visualizar os trabalhos supracitados, diferenciam as atividades de tradução e interpretação pela modalidade de língua, atuando a interpretação com a oralidade e a tradução com a modalidade escrita, uma tendência que segue o campo da tradução das línguas orais. Porém, existem, também, outras formas de dizer, como Sobral (2008), que indica que “traduzir/interpretar/verter/transcriar são, antes, níveis presentes em maior ou menor grau em todo ato de tradução/interpretação do que meras modalidades” (p. 91), uma vez que o ato de traduzir é interpretar e na interpretação também se traduz (SOBRAL, 2008).

Partindo da circunscrição mais recorrente na literatura que apresenta a questão do ato de traduzir e interpretar pelas modalidades, compreende-se que tanto a tradução quanto a interpretação, são realizadas para que a comunicação não fique restrita, possibilitando a aproximação entre os sujeitos que constroem seus discursos em contextos sociais e históricos.

As respectivas atividades ocorrem entre os contextos em que esses discursos são proferidos e os textos são produzidos concretizando-se pela conversão de um material linguístico e cultural que está alocado no tempo e no espaço das plurais dimensões sociais em que acontecem as relações entre falantes de línguas distintas, os quais se pronunciam munidos de intenções de se comunicar com base em um repertório singular.

As relações se estabelecem na interface com diferentes demandas da sociedade e suas distintas naturezas contextuais que constituem as interações. Compreende-se, a partir de Masutti e Paterno (2011), que, nesses processos, a mensagem, isto é, aquilo que se diz é perpassado por aspectos inerentes às atividades e às relações sociais realizadas em espaços e situações variadas. Desde uma brincadeira entre crianças até o âmbito educacional, por exemplo, esse encontro é marcado pela singularidade dos falantes, suas experiências, vivências, dentre outros fatores que podem estar associados.

Com base nas ponderações de Lacerda (2009), compreende-se que as interações entre os sujeitos ocorrem nas relações sociais, concretizando a comunicação e tendo como base sentidos prévios que, além de se configurarem como subsídio para a compreensão daquilo que

é dito, se constroem e se ampliam a partir dessas interações. Diante disso, no processo de interação social e de diálogo, a partir de línguas diferentes em uso nos contextos sociais, as atividades da tradução e da interpretação são potenciais para que as relações e interações se estabeleçam.

Aqueles que o fazem, denominados tradutor e intérprete, estão junto aos sujeitos falantes de línguas diferentes e assumem a tradução e a interpretação partindo de aspectos linguísticos, mas também culturais, cuja atuação relaciona-se, além do conteúdo que é traduzido ou interpretado, à aproximação de pessoas em tempo e espaço. Nesse sentido

É possível considerar que o tradutor e intérprete são profissionais ponte, ou seja, favorecem que uma mensagem cruze a “barreira linguística” entre duas comunidades. Desse modo, tradução e interpretação têm muito em comum, pois são dois modos de alcançar esse mesmo objetivo. Outro aspecto comum é que em ambas as atividades é fundamental dominar os idiomas envolvidos, sendo que o tradutor precisa ter domínio da forma escrita e o intérprete da forma oral (LACERDA, 2009, p. 17).

Concebendo-se, no entanto, que ambas podem acontecer de formas plurais pela diversidade nos modos de interação, ao profissional que atua nesse campo cabe um conhecimento amplo da forma oral, bem como da escrita, uma vez, por exemplo, que as marcas da oralidade dos aspectos culturais dos falantes de uma língua podem ser necessárias na produção de uma nova versão escrita.

Considera-se, assim, que aquele que assume essa posição de atuar entre falantes de línguas distintas pode, tendo condições para tanto, traduzir e interpretar. Para cada uma das funções em suas especificidades, além da importância de converter os discursos, a aproximação entre os sujeitos envolvidos deve ser valorizada para que os objetivos-fim das atividades se concretizem.

Ao mencionar sobre a importância da valorização do processo de relação social, ao tradutor e intérprete pressupõe-se responsabilidade no que se propõe a fazer, seja traduzir ou interpretar. Dessa forma, quem realiza a atividade precisa contemplar e pressupor os interlocutores, ou seja, “o profissional precisa estar imerso no discurso no enunciador, dele se apropriar, e transformar seus sentidos para outra língua” (SANTOS, 2014, p. 42), de modo que o discurso, as intenções comunicativas e o contexto sejam respeitados.

Diante dessa reflexão, para a conversão de uma língua para outra, compartilha-se o sentido de “transcrição” assumido por Santos (2014) a partir de Haroldo de Campos, poeta e tradutor brasileiro. Conforme a autora, a transcrição diz respeito à possibilidade de recriar

para manter a informação, configurando-se como um processo criativo no sentido de se “criar, de forma análoga, outro texto na língua alvo, mantendo seus elementos e características principais a fim de causar no leitor o mesmo impacto que o texto original causaria” (p. 59).

Trata-se de ser ponte, conforme apontado por Lacerda (2009), e uma ponte em condições de que, por meio dela, se chegue a algum lugar com segurança. Assim, para que a comunicação seja favorecida, a intenção precisa ser mantida nas atividades da tradução e interpretação, as quais favorecem não apenas o contato entre sujeitos, realidades e culturas, mas também o acesso às múltiplas informações e conteúdos.

Destaca-se, no entanto, que essa ponte não é apenas passagem, mas também um meio que tem base e que também se estrutura, no sentido “que cada enunciação “recebida” pelo profissional está intimamente ligada ao seu contexto histórico, às suas crenças, ideologia, e uma série de fatores” (SANTOS, 2014, p. 48), ou seja, ele é um sujeito constituído e em constituição.

Tendo acesso aos discursos, o tradutor e intérprete também amplia suas possibilidades, constituindo-se a partir de sua história e dos sentidos construídos e inferidos em suas experiências de tradução e interpretação. Dessa forma, essas atividades ocorrem na interface com os modos de se representar as realidades, de perceber a si e o outro.

O profissional, nesse sentido, atua com os fatores extrínsecos da sua atuação, como, por exemplo, o contexto e a aproximação entre os sujeitos. Considerando, no entanto, que a enunciação que recebe está de alguma forma ligada ao ser constituído, e que sofre influências daquilo que lhe é externo, logo atua também com a subjetividade, com os fatores intrínsecos de sua atuação, como sua condição de conhecimento, de constituição enquanto sujeito e profissional, tendo, portanto, suas produções, compreensões e inferências perpassadas por inúmeras referências.

Com base nas reflexões feitas até aqui, caracteriza-se os processos de traduzir e interpretar pela produção de uma nova versão da intenção comunicativa em outra modalidade que não produzida inicialmente. Os textos produzidos por seus falantes primários são traduzidos ou interpretados passando pela inferência de sentidos do tradutor e intérprete para então serem inferidos por aqueles que recebem a mensagem final.

Para a produção de uma nova versão da intenção comunicativa, muito mais do que a busca por equivalência entre línguas, até porque isso não seria possível dada as diferenças linguístico-culturais e sociais das línguas em uso, se faz necessária a correspondência de sentidos (SOBRAL, 2008; ALMEIDA; LODI, 2014;).

Assim, tanto a tradução quanto a interpretação transcendem a transposição de uma língua para outra, mas relacionam-se com a permanência da intenção e dos sentidos iniciais, a despeito das formas plurais em que eles podem ser reconstruídos a partir das características das línguas em uso e da singularidade dos sujeitos (SANTOS, 2014).

Trata-se de uma atividade que pressupõe ser assumida com extrema responsabilidade, considerando também que “é pela fala do intérprete que o locutor primário será qualificado ou desqualificado, para seu público-alvo, como enunciador na esfera e no gênero no qual ele enuncia” (NASCIMENTO, 2016, p. 131).

A tradução e interpretação permitem pensar em relações e interações que se concretizam a partir das línguas envolvendo seus falantes, culturas e realidades distintas. Desse modo, trata-se de uma prática extremamente relevante, sendo compreendida, nesta pesquisa, como atividade humana, social, linguística, intra e interpessoal.

Presentes na história da humanidade desde a Grécia Antiga, a tradução, que não foi reconhecida de imediato, foi ganhando visibilidade ao longo da história, e tanto a tradução quanto a interpretação se empoderavam a partir das demandas que iam surgindo, potencializando as relações sociais (MARTINS, 2009).

A tradução e a interpretação em suas modalidades específicas contribuem para o progresso da humanidade e seus diferentes grupos. A tradução e interpretação da língua de sinais, por exemplo, também se realizam em contextos distintos e muito tem ampliado as possibilidades de seus falantes. A atividade da tradução e interpretação no campo da surdez, conforme Nascimento (2012), se dá, principalmente, para contemplar a participação ativa das pessoas surdas nos processos sociais que lhes dizem respeito. Nas palavras do autor,

Como condutores de sua história, os surdos passam a adentrar nas mais diversas instancias sociais e nos mais variados campos de conhecimento como agentes de produção e não mais, somente, como sujeitos alvo de estudo. A partir desse movimento inclusivo e de participação social, surge a necessidade de profissionais que façam a tradução/interpretação dos discursos produzidos em língua de sinais e em línguas orais (NASCIMENTO, 2012, p. 57).

As pessoas surdas têm esse recurso humano, social e linguístico da tradução e interpretação, tendo possibilidades que outrora lhe eram negadas, restritas e passam a ter acesso ao mundo de modo que podem nele se expressar a partir da língua de sinais utilizada em seu país.

De acordo com Santos e Lacerda (2015), a restrição na comunicação e a necessidade do exercício de cidadania dos sujeitos surdos fazem emergir a tradução e interpretação de/para

língua de sinais, inicialmente, por familiares e amigos sob uma perspectiva mais emergencial e exercida numa esfera comunitária. Todavia, a atuação desses profissionais no Brasil se amplia, haja vista que “os surdos vêm se destacando no cenário nacional, em virtude das lutas frente às políticas públicas e da busca incessante pelo reconhecimento de seus direitos linguísticos” (p. 508).

O tradutor e intérprete de Libras insere-se nas relações de diálogo e comunicação entre surdos e ouvintes em eventos discursivos na sociedade, em seus mais distintos espaços sociais. Conforme destacam Machado e Feltes (2015), a demanda por profissionais está em expansão, e “atualmente, é emergente a contratação de TILSP em todos os setores sociais, principalmente no contexto público, ou seja, há uma obrigatoriedade de que as empresas públicas e privadas contratem os TILSP para atuarem nas áreas da educação, médica/saúde, como também no contexto de ordem política” (p. 246).

Dessa forma, há uma abertura no mercado de trabalho para essa importante atividade social, linguística e política em suas múltiplas interfaces, e a inserção dos surdos nos diferentes espaços sociais demanda uma crescente formação do tradutor e intérprete de Libras, dado que a dinâmica social exige saberes não apenas para favorecer minimamente a comunicação, mas para ser ponte da dimensão social e linguística que a atividade pressupõe.

Assim, saber a língua de sinais não basta, uma vez que a atuação envolve conceitos e procedimentos relacionados aos contextos que precisam ser dimensionados, bem como os recursos linguísticos que precisam ser acionados para a implementação de procedimentos que se adequem à atividade e aos interlocutores (SANTIAGO, 2012).

A tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa se resumem a uma complexa atividade da linguagem por múltiplas questões. Além de escolhas para a conversão dos discursos, há necessidade de contemplar o contato e a relação entre línguas e culturas, de conhecer terminologias e compreender sentidos e polissemias (PERLIN, 2006; LACERDA, 2009; ALMEIDA; LODI, 2014; SANTOS et al., 2016).

A natureza da atividade é complexa e, conforme evidenciam Almeida e Lodi (2014), ao narrarem sobre a formação de intérpretes de Libras e sobre os discursos produzidos na língua fonte e que serão expressos na língua alvo,

Nestas enunciações são postos em diálogo a história dos interlocutores e os conhecimentos anteriores sobre o que está sendo dito. É uma prática que ultrapassa apenas o conhecimento gramatical e a fluência na língua para situações do cotidiano; é uma forma de diálogo na qual há a participação do locutor/intérprete/interlocutor e, portanto, para se interpretar é preciso conhecer os diferentes usos da linguagem nas diversas esferas de atividade humana (ALMEIDA; LODI, 2014, p. 112).

O conhecimento dos diferentes usos da linguagem é fundamental, não por si só, para contemplar a inserção dos surdos nas diferentes esferas sociais, processo para o qual se destaca a relevância da atuação do profissional tradutor e intérprete de Libras como recurso humano de acessibilidade, uma vez que “ a tradução e a interpretação para a Libras vêm a ser um dos meios de se assegurar tais acessos por pessoas surdas que vivem em uma sociedade majoritariamente ouvinte” (GESSER, 2015, p. 537).

Os profissionais que atuam como TILSP vêm sendo inseridos nos mais diversos contextos da sociedade. Essa iniciativa se deve à legislação vigente do País, com o propósito de levar as instituições a cumprirem a inclusão social da acessibilidade comunicacional. Com isso, os espaços educacionais não são suficientes para a garantia plena da inclusão do sujeito surdo. É importante que os espaços sociais (públicos) sejam também contemplados na inclusão social da pessoa surda, garantindo o acesso à informação e a comunicação nesses espaços (MACHADO; FELTES, 2015, p. 239).

Embora o tradutor e intérprete de Libras esteja inserido nos mais diversos espaços sociais, haja vista as previsões legais de acessibilidade pelos direitos dos surdos, o contexto educacional é o local em que a demanda se apresenta mais expressiva. Ele, assim como os demais profissionais da educação, precisa estar preparado para atuar diante das demandas que exigem, além da língua de sinais, uma reconfiguração das práticas educacionais e do espaço escolar (LACERDA, 2010).

O âmbito da educação, espaço de ampla oportunidade para a atuação do tradutor e intérprete de Libras, é o campo em que as pesquisas, inicialmente, foram desenvolvidas, uma vez que este era o principal lócus de debate acerca das questões de inclusão de surdos. Entretanto, um dos avanços na área da tradução e interpretação da língua de sinais no país é sua afiliação no campo disciplinar dos Estudos da Tradução, conferindo amplitude não apenas para a produção de estudos na área, mas também novos modos de concebê-la, inclusive pelo reconhecimento e valorização a partir do empoderamento que o campo permite (SANTOS, 2010).

### **1.1 Pesquisas recentes sobre o tema**

As pesquisas na área da tradução e interpretação do par linguístico Libras-língua portuguesa se ampliam, principalmente, pós legislação que, além de reconhecer a língua de

sinais, favorece a inclusão do surdo, conferindo abertura à inserção do tradutor e intérprete de Libras em diferentes espaços.

Visualiza-se a pertinência e a importância de estudos que abranjam de forma aprofundada ou aproximada as questões de formação do tradutor e intérprete de Libras, uma profissão que tem ganhado novos moldes ao longo da história, inclusive, reconhecimento social e legal que ampliam as representações sobre a atividade. Entre tais estudos, alguns contribuíram para as reflexões deste trabalho pela discussão e/ou análise trazida sobre a temática, como o de Santos (2006), Martins (2009), Russo (2009), Jordão (2013), Santos (2013) e Menezes (2014). O uso da nomenclatura mantém-se como nos estudos abaixo brevemente apresentados.

Santos (2013) fornece um panorama das pesquisas sobre o TILS analisando categorias que emergem de teses e dissertações realizadas desde o final do século XX. Destaca que a Educação é a principal área das pesquisas, mas que há uma transição e um empoderamento no campo dos Estudos da Tradução. Entre os pontos críticos das pesquisas estão questões de conflito de identidade, caracterização do papel do intérprete de Libras e trajetórias formativas, além do fato de que a qualificação dos intérpretes influencia a tradução e interpretação que realizam, levando a crer que o desenvolvimento profissional é fundamental (SANTOS, 2013).

Martins (2009) enfatiza em sua pesquisa o estudo das trajetórias de formação do intérprete de Libras, destacando que a existência de uma trajetória de formação recente e frágil influência nas condições de trabalho. A autora ressalta que o interagir com a comunidade surda, apropriar-se do saber científico e as relações de trabalho são elementos associados à formação desse profissional, que também se efetiva com base em experiências e inserções em contextos específicos, como o campo religioso.

Santos (2006), num estudo sobre as identidades desse profissional, indica em suas análises, que questões como assistencialismo, voluntariado, formação e profissionalização permeiam as identidades dos profissionais intérpretes de língua brasileira de sinais que são múltiplas e determinadas a partir de diferentes elementos, como marcadores culturais e linguísticos.

Russo (2009), enquanto formadora de intérpretes de língua de sinais, busca sentidos dos discursos dos sujeitos de sua pesquisa durante percursos de formação e enquanto profissionais atuantes na área. Salienta aspectos relacionados à proficiência da língua em uso e a necessidade de apropriar-se de um saber fazer a interpretação, considerando a singularidade dos profissionais e a importância da demonstração de diversos saberes, técnicas

específicas e práticas relacionadas aos contextos distintos, bem como o pertencimento à comunidade surda.

Jordão (2013), analisando as características da formação dos intérpretes de Libras do sudeste goiano, levanta a formação dos sujeitos, os limites e as possibilidades na atuação a partir dessa formação. Em suas análises, aponta aspectos relacionados às lacunas na formação no que se refere à falta de subsídio conceitual acerca da surdez e da interpretação, bem como ao conhecimento inconsistente que se pode ter por meio de cursos de curta duração em perspectiva dicionarizada. Destaca, em suas considerações, a necessidade de apoio governamental para a formação desse profissional, a importância do intérprete dispor-se para sua formação e capacitação a partir de cursos e a participação em eventos e grupos de discussões que favorecem a troca de experiências, conhecimento na área e aprendizado de novos sinais.

Menezes (2014), buscando desvelar as compreensões e as concepções que Tradutores-Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) têm sobre seu papel na formação do aluno surdo e suas alteridades profissionais, entre muitos aspectos que analisa, relacionados ao profissional, evidencia que a formação, a profissionalização e a politização devem, primordialmente, ser buscadas de modo constante, não apenas no plano individual, mas coletivo.

As pesquisas demonstraram que por meio de iniciativas pessoais, familiares e religiosas tem-se início a atividade do tradutor intérprete de Libras partindo de situações comunitárias. É reconhecido que por longo tempo foi sustentada por um viés de assistência e de voluntariedade, devido às relações estabelecidas entre ouvintes em contato ou aprendizes da língua de sinais e a comunidade surda, configurando esse espaço social, conforme Jordão (2013), em um lócus de apropriação e fluência na língua.

Destaca-se que a partir dessas trocas “o intérprete vem retirando do aprendizado da língua de sinais, pela convivência com pessoas surdas, elementos necessários e fundamentais à sua atuação” (MARTINS, 2009, p. 53). É nesse sentido que as relações “com a comunidade surda definiam as formas de interpretar que eram construídas na prática e instigadas pela própria comunidade. Assim, nem se discutia a necessidade de se ter uma formação ou profissionalização para atuar nesse contexto” (JORDÃO, 2013, p. 14).

A influência da comunidade surda nos processos de formação e atuação do tradutor e intérprete da Libras também foi percebida em Martins (2009) como um dos aspectos relacionados à trajetória desse profissional. Compreende-se que a relação social, espaço temporal do profissional com a comunidade surda vem, ao longo da história, delineando e

norteando as formas não apenas de interpretar, mas de se posicionar dos intérpretes e de sua formação.

O tradutor e intérprete da Libras passa a estar inserido e a pertencer a uma dada realidade perpassada por questões históricas, políticas, linguísticas que transcendem o saber da língua, mas que se consolida por esse saber e por sua dimensão, bem como por sua inserção nos espaços em que os surdos estão presentes, estabelecendo relações que favorecem e ampliam sua competência na língua (SANTOS, 2006).

Novas formas de conceber a atividade e a atuação vão sendo construídas. Jordão (2013) distingue o usuário da Libras do intérprete de Libras, o qual é por ela indicado como especialista. Na busca pelo aprendizado da língua de sinais, as motivações podem ser distintas, bem como os modos de uso da língua na prática, uma vez que para a pessoa que faz uso da Libras para interações no dia a dia não é demandado o mesmo uso e conhecimento de língua daquela que a atuação é atribuída como atividade profissional. Conforme a autora,

A aprendizagem para especialistas precisa ser mais complexa. Apenas ser conhecedor da língua, utilizando-a como outro que a conhece, não garante saberes que o tornem especialista nesta língua. [...]

Assim sendo o intérprete precisa ser muito mais que um usuário, precisa ser um conhecedor profundo das duas línguas (Libras e Língua Portuguesa) com suas características culturais e ter competência profissional na área da tradução e interpretação (JORDÃO, 2013, p. 38).

Russo (2009) apresenta que são poucos os registros sobre formação desse profissional antes da década de 1990, entretanto, a atuação já estava em prática em atividades da vida cotidiana, como ida ao médico, banco etc. Em caráter formal, com todas as possibilidades e potencialidades que a estes se aplicam, as instituições de representação da surdez iniciaram as ações formativas, sendo a FENEIS precursora na formação e avaliação de intérpretes de Libras no Brasil. Os primeiros encontros no país promovidos pela federação datam de 1988 e 1992, considerados marcadores iniciais de formação relacionados a esse campo (RUSSO, 2009; JORDÃO, 2013).

Com o trabalho de Santos (2006), entende-se que a atuação, se qualificada, incorre no reconhecimento profissional e social pela experiência de sujeitos que, expostos ou mesmo atuantes em distintas esferas, como educacional, nos diferentes níveis, jurídica e clínica, demanda conhecimentos a ela relacionados, os quais se constroem em interfaces com outras questões, como a cultura que também é constitutiva das identidades, da auto-estima e desempenho profissional

A constituição profissional dos ILS é um dos elementos que compõem as múltiplas identidades dos mesmos. Conhecer alguns pontos históricos que marcaram a trajetória profissional dos Intérpretes de línguas orais, bem como dos ILS, conhecer, também, as noções conceituais que permeiam os espaços em que os ILS transitam, se faz necessário para entendermos o processo atual que esses profissionais vivem (SANTOS, 2006, p. 42).

Martins (2009), apresentando a trajetória de formação a partir de quatro eixos principais, destaca um deles como o conhecimento da língua, sendo os outros, o engajamento dos intérpretes em movimentos sociais da comunidade surda, a escolarização e formação acadêmica e o envolvimento em atividade de pesquisa.

Visualiza-se, a partir do que a autora reflete, que o engajamento em movimentos sociais da comunidade surda viabiliza, além da apropriação da língua de sinais, a formação social e humana de tradutores e intérpretes, haja vista a posição que assumem na organização social, ressaltando que o “envolvimento com o campo na qual a comunidade surda está inserida tem-se apresentado como um fator de forte influência de sua formação” (MARTINS, 2009, p. 107).

Sobre a escolarização, a autora supracitada indica que a formação em nível superior de seus sujeitos se realiza em diferentes áreas do saber e de pesquisa, mas não na área da tradução e interpretação, especificamente. Em relação à trajetória escolar, esta se dá, principalmente, na rede pública, sendo que 30% tiveram formação em magistério, suscitando, a partir do que ela ponderou, que intérpretes que atuam no contexto escolar construam um conhecimento sobre a dimensão da escola.

Acerca do conhecimento de outras línguas, a autora afirma que “poucos profissionais possuem proficiência em uma língua estrangeira de modo a facilitar o trabalho realizado em eventos e congressos internacionais que envolvam a participação de usuários de diversos idiomas” (MARTINS, 2009, p. 108). E, em relação à Libras, apesar de alguns sujeitos já certificados pelo Exame Nacional de Proficiência na língua, a autora apontou que o conceito de proficiência é ainda pouco compreendido.

A partir dos enunciados de participantes da sua pesquisa, Russo (2009) destaca o reconhecimento de ser e/ou estar limitado em relação ao saber da língua de sinais (domínio linguístico) e da atividade da interpretação. Conforme a autora,

Os candidatos à função de ILS são usuários da língua portuguesa como LM e da Libras como uma LE, utilizam as línguas com um saber de usuário, com um saber que, como já mencionamos nesta pesquisa, se “automatiza” devido ao seu uso diário. Contudo, um profissional da tradução e da interpretação – como ILS – este saber sobre o uso das línguas torna-se diferente, pois os ILS precisam de outros

saberes sobre as mesmas como: as metalinguagens, as metáforas, as paráfrases, enfim, de tudo o que a língua, em seu sentido discursivo abarca, na tentativa de obter um resultado positivo de seu trabalho de interpretar. E aqui não apenas a ação profissional de interpretar, mas também em seu sentido discursivo de produzir sentidos (RUSSO, 2009, p. 78).

O saber fazer uma interpretação, com base na autora, pode ser explorado a partir de um curso de formação específica, do qual podem emergir discussões relacionadas à competência da atividade. A partir de suas ponderações, é possível uma formação na coletividade, assim, há possibilidade de discussões, principalmente, ao considerar o que afirma Jordão (2013), “o aprendizado em grupo proporciona trocas de informações, tais como o conhecimento de novos sinais, a discussão de formas adequadas de se dizer nesta ou naquela língua” (p. 62).

Contudo, Jordão (2013), ao analisar a formação de intérpretes do sudeste goiano a partir de cursos presenciais e a distância de Libras, destaca que um ensino descontextualizado da língua de sinais pode, de certa forma, contribuir para que a língua seja utilizada, mas não confere condições para uma atuação.

A atuação como intérprete pressupõe competências e habilidades, uma vez que para exercê-lo profissionalmente se faz necessário um saber que extrapola os saberes construídos para interações do dia a dia. Além disso, o saber língua não se finda, mas se amplia e se aprofunda para que os falantes, em uso plural, possam contemplar o uso que se propõe (RUSSO, 2009).

Diante da condição de fazer uso de línguas para atuar e do conhecimento da língua de sinais enquanto um saber, Santos (2006) reflete que as línguas são constitutivas dos sujeitos, logo de suas identidades. Embora um tradutor intérprete de Libras possa fazer uso de diferentes línguas, destaca-se, a partir de Menezes (2014), que esse profissional se constitui pelo par linguístico Libras-língua portuguesa “e, neste universo bilíngue, no processo de aquisição de uma nova língua, os indivíduos se redefinem sujeitos, conceitos e visões de mundo são afetados e se ampliam, o que suscita, concomitantemente, movimento e outras identidades” (MENEZES, 2014, p. 147).

Assim, a identidade é um dos aspectos relevantes do tradutor intérprete da Libras, a qual se constrói na interface com a atividade que realiza, com a formação a que se submete e com sua profissionalização. Um movimento que, embora singular, não é individual.

Nesse sentido, consideramos importante pensar sobre o ‘SER TILS’ numa perspectiva alteritária, tanto pelo momento histórico de construção e consolidação dos TILS como profissionais [...], quanto por uma dimensão mais individual, que é

também social/coletiva, deles como sujeitos que vão ou não refletir possíveis caminhos e significar suas ações[...] o que tem a contribuir sobremaneira com os processos de inclusão [...] (MENEZES, 2014, p. 137).

Desse modo, à medida que o tradutor intérprete se desenvolve profissionalmente, as representações acerca de si e da realidade em que atua em suas múltiplas dimensões e interações são ampliadas num processo de constituição de identidade que, como aponta Santos (2016) “não é acabado, unificado, imutável, mas sim, o contrário, pois se configura em um processo cultural, linguístico, histórico, cultural, político e social” (p. 54), ou seja, movente.

Compreende-se que o tradutor e intérprete de Libras não apenas vive, mas representa a realidade e por ela é interpretado, representado a partir de diferentes visões sobre seu fazer e sobre a língua de sinais. As representações lhe atribuem sentidos que por ele também são atribuídos na constituição de sua identidade, podendo assim ampliar as representações de si e do todo de seu entorno.

O reconhecimento de si é como um norte para a construção ou ampliação da formação e profissionalização que podem emergir das relações estabelecidas na comunidade surda, e a partir desse contexto, serem projetadas para diferentes campos, inclusive, para o campo teórico, uma vez que “os tradutores, os intérpretes, os surdos, os ouvintes, os pesquisadores e tantos outros sujeitos constroem formas produtivas de representar uma determinada subárea, pois são agentes participantes[...]” (SANTOS, 2013, p. 55).

Todo esse movimento não favorece apenas o crescimento pessoal, mas, também, uma organização profissional da categoria que pode ser impulsionada, por exemplo, pela percepção da carência de formação de seus atuantes e pelo reconhecimento de si e dos outros como tradutores e intérpretes de Libras profissionais e não apenas assistenciais. O movimento legal e social da surdez desloca o tradutor e intérprete de Libras de uma posição assistencialista para um lócus profissional, no qual tem a sua identidade reconfigurada e a qualificação é requisitada.

Diante da inserção dos surdos nos contextos sociais variados, a qualificação profissional é demandada exigindo um saber fazer profissional. Pressupõe-se, para tanto, uma formação continuada para atuar dinâmica social e linguística relacionada à inclusão do surdo. Assim, conhecer, reconhecer e investigar a área configura-se como uma necessidade e um compromisso. As questões que perpassam o fazer traduzir e interpretar podem ser múltiplas e multideterminadas, além de relacionadas ao seu público principal, o surdo que faz uso desse recurso. Entende-se que esta pesquisa, no contexto deste município, pela situação de

produção, locus, atuação e formação de profissionais, considerou um leque formativo a partir dos dados que foram levantados sobre o tema.

## CAPÍTULO 2

### FORMAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS

A tradução e a interpretação, assim como a docência, são atividades atreladas às questões de desenvolvimento humano, justificando-se, desse modo, a necessidade de formação. Alguns aspectos relacionados à formação do tradutor e intérprete de Libras convergem inicialmente ao processo de profissionalização do magistério.

Com o intuito de compreender e refletir sobre questões de formação do tradutor e intérprete na área da surdez, buscou-se conhecimentos da formação de professores com o objetivo de que o apoio em autores desse campo do saber possa contribuir na problematização do tema investigado, e, precedendo à discussão de conceitos que culminam numa aproximação teórica, é válida a reflexão de outros aspectos de campos distintos.

A formação para atuação profissional é percebida de forma diferenciada ao longo da história e, como é possível conceber a partir de Santos (2013), o ofício de professor, que nas grandes civilizações preparava para a guerra, passou a ser uma atividade de cuidar, posteriormente, sendo assumido para emancipar, formar para a intelectualidade e para a ética.

No caso da tradução e interpretação, a realidade também é para transformação, no sentido da potencialidade inerente. Da prática realizada para prestar assistência voluntária, a atividade passa a ser reconhecida como um recurso humano para a garantia de direitos e exercício de cidadania, favorecendo a emancipação social, linguística, formação e constituição de sujeitos surdos.

Deixam assim, ambas, de ser atividades de cuidar, cada qual com suas características, para assumirem uma postura de busca de qualificação que confira autonomia e favoreça o desenvolvimento profissional. Constituem-se pela profissionalização, passando, inclusive, a ter retribuição. No tocante ao termo profissão, este emerge da modernidade para “designar o exercício regular de atividades às quais correspondem um treinamento e remuneração específicos [...]” (SANTOS, 2013, p. 12).

Em Nóvoa (1999), visualiza-se aspectos da docência que podem ser considerados consonantes à tradução e à interpretação, e, embora não serão aprofundadas as questões da profissão docente ao longo de sua constituição socioprofissional, destaca-se, com base no autor, que a gênese da profissão do professor também se deu no contexto religioso,

ocorrendo, no entanto, a partir do século XVIII, o início da estatização do ensino que passa a ser exercido como uma ocupação por um corpo de profissionais.

A prática da docência inicialmente em contexto religioso é também abordada por Hypólito (1999). Conforme o autor, nos princípios do capitalismo, era necessário que uma instituição se responsabilizasse pela tarefa de educar e sendo a igreja a mais preparada, assumiu o trabalho de incentivar a leitura e a escrita, fato que traz até hoje marcas para a profissão de ser uma vocação ou um ofício em que não são necessários conhecimentos específicos, mas a prerrogativa de ser algo que se passa de geração em geração ou de que o dom já seria o bastante.

Entretanto, ampliando-se a demanda de formação, o clero já não supria a tarefa de educar, tornando-a uma responsabilidade do Estado, e o profissionalismo começou a ser discurso oficial, uma meta que exerceria controle sobre a profissão (HYPÓLITO, 1999). É nesse percurso que a docência passa a se institucionalizar. Acerca desse avanço na questão da formação de professores,

as instituições de formação ocupam um lugar central na produção e reprodução do corpo de saberes e do sistema de normas da profissão docente, desempenhando um papel crucial na elaboração dos conhecimentos pedagógicos e de uma ideologia comum. Mais do que formar professores (a título individual) as escolas normais produzem a profissão docente (a nível coletivo), contribuindo para a socialização dos seus membros e para a gênese de uma cultura profissional (NÓVOA, 1999, p. 18).

Destaca-se que uma das características que marcou o princípio de um profissionalismo da área foi a realização de exames que conferiam um documento, um tipo de autorização do Estado que “constituiu um verdadeiro suporte legal ao exercício da atividade docente, na medida em que contribuiu para a delimitação do campo profissional do ensino e para a atribuição ao professorado do direito exclusivo de intervenção nesta área” (NÓVOA, 1999, p. 17).

Ao se refletir sobre a gênese da profissão do tradutor e intérprete de Libras, visualiza-se o protagonismo a partir do contexto religioso, tanto na atuação quanto nas primeiras ações de formação (ROSA, 2005; SILVA, 2011), mas com a legislação, o campo passa a ter novos rumos, inclusive, pela certificação por meio do Exame Nacional de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa (PROLIBRAS).

O exame Prolibras é uma combinação de um exame de proficiência propriamente dito e uma certificação profissional proposto pelo Ministério da Educação como uma ação concreta prevista no Decreto n. 5.626/2005, decreto que regulamenta a Lei

n. 10.436/2002, chamada “Lei de Libras”. Basicamente, esse exame objetiva avaliar a compreensão e produção na língua brasileira de sinais – Libras. O exame Prolibras não substitui a formação em todos os níveis educacionais. Os cursos de graduação para a formação de professores de Libras e de tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa já começaram a ser oferecidos no país. No entanto, o prazo de formação e criação desses cursos é mais longo. Assim, o exame Prolibras vem resolver uma demanda de curto prazo (QUADROS et al., 2009, p. 23 e 24).

Este documento pode ser considerado como um elemento importante no processo de construção da profissionalização da atividade do tradutor e intérprete de Libras no país, pois, entre outros, passou a ser solicitado nas oportunidades de trabalho para legitimar a atividade, impulsionando a afirmação profissional, sendo, portanto, mais um passo da trajetória da tradução e interpretação no país.

Um novo perfil de tradutor e intérprete de Libras passou a se configurar, principalmente, depois da regulamentação da Lei que reconhece a Libras e das previsões que dela decorreram (BRASIL, 2002; 2005). O perfil não emergiu em via ou modelo singular, mas vai sendo norteado a partir dos novos modos de conceber, assumir e direcionar a formação profissional, inclusive, pela formação sistematizada, o que delinea a carreira não somente pela titulação, mas pela condição profissional que se busca assumir para especializar a atuação.

A emergência de cursos livres e extensão universitária de formação do profissional tradutor e intérprete de Libras teve início a partir dos anos 1990. Os cursos, geralmente, eram ofertados por entidades representativas da surdez e instituições de ensino superior, estando situados diretamente no campo da educação e enfatizando aspectos da prática e modalidades de interpretação (SANTOS, 2010).

Contudo, a formação no campo da tradução e interpretação Libras/Português passou a ganhar novos horizontes a partir da política linguística da Libras, o que resultou numa abertura e deslocamento para o âmbito acadêmico. Conforme se vê,

Com a necessidade de avaliar e certificar melhor os TILS, surgem alguns cursos em nível tecnológico, de graduação e pós-graduação. Podemos destacar alguns como o de “Tecnologia em Comunicação Assistiva: Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de e Sinais” oferecido pela PUC/CAMPINAS. O crescente acesso às novas tecnologias pelos surdos reflete a necessidade de também o TILS se atualizar nessa área, de modo a atender as diversas demandas sociais. Outras duas oportunidades podem ser encontradas na “Especialização em Tradução e Interpretação de LIBRAS/Língua Portuguesa –, oferecida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Surdos – NEPES –, através do Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina – CEFET-SC – e na Universidade do Estado do Pará – UEPA, curso pensado para a qualificação desses profissionais, com intuito de atualizá-los através de uma formação reconhecida. A Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP –, através do “Curso de Tradução e

Interpretação com habilitação em Libras Língua Portuguesa”, com um currículo consistente e com objetivos emergentes (ANATER; PASSOS, 2010, p. 224).

A formação específica em nível de graduação também passou a ser ofertada, e é fundamental que se amplie, de modo a habilitar o tradutor e intérprete de Libras “para atuar em diversas áreas e situações que vão desde interpretações em eventos e salas de aula até acompanhamentos em consultas médicas, entre outros espaços, que se façam necessária à presença deste profissional” (SANTOS; MARTINS, 2015, p. 4).

Compreende-se que os contextos e suas dimensões conceituais passaram a solicitar profissionais que contemplassem suas demandas, por exemplo, no contexto da tradução e interpretação da Libras/Português no Ensino Fundamental: pressupõe-se saberes e conhecimentos relacionados a essa etapa, os quais diferem dos saberes, conhecimentos e até mesmo formação para a tradução e interpretação no Ensino Superior.

Desse modo, existe um crescimento na formação, uma vez que todo o movimento legal que impulsiona a área possibilita um perfil não mais apenas relacional pelas interações comunitárias e voluntárias, mas, principalmente, um perfil ocupacional, de escolha para atuação profissional, tanto que na atualidade

A tendência, uma vez que o campo se consolida como área do saber, de pesquisa, e formação e de trabalho, é que a tradução e a interpretação da Libras e Língua Portuguesa entre no rol das profissões brasileiras escolhidas por alunos advindos do Ensino Médio, como são escolhidos outros cursos. O campo de trabalho que cresce e se estabelece com as políticas públicas de inclusão social, tende a ser cada vez mais amplo e a demandar, com cada vez mais frequência, profissionais para assumir os espaços ampliados de atuação (MARTINS; NASCIMENTO, 2015, p. 103).

É nesse contexto que a constituição profissional não se constrói apenas na informalidade, dado que a atuação e a formação na atividade vão se institucionalizando. A implementação de cursos na área que se deu, inicialmente, a partir de formações profissionais de curto prazo, ampliou-se para o nível acadêmico de construção de conhecimentos em formação inicial e continuada.

Compartilha-se, assim, a ideia de transição de um saber fazer que advém da prática da atuação e formação comunitária para uma atualidade acadêmica, e em relação a esse nível formativo “é a luta pela configuração de um campo, no empoderamento da regulamentação da língua de sinais e da política da diferença que emerge a institucionalização da formação [...]”. (MARTINS; NASCIMENTO, 2015, p. 83).

A Lei que reconhece a atividade, Lei nº 12.319 (BRASIL, 2010), é um avanço na área, e nesse percurso, as ações de formação são fundamentais na busca de contemplar as demandas que se ampliam e se tornam mais complexas na medida em que os surdos, inseridos nos mais variáveis contextos sociais, precisam de profissionais mais qualificados. Todo esse processo passa a consolidar o estatuto social e profissional da profissão, um movimento empreendido e vivido por tradutores e intérpretes atuantes ou que passam a atuar nesse campo.

Evidentemente, embora a referência seja feita à categoria, cada sujeito vivencia seu processo de formação instituído por suas histórias, singularidades e oportunidades que levam o profissional a assumir caminhos e avançar de modo distinto na área da surdez. Assim, tradutores e intérpretes atuantes sob um viés de assistência, por exemplo, podem ser reorientados pela dimensão social e política da área a constituírem-se profissionalmente por diferentes vias e experiências formativas.

Considerando que a constituição da profissão do tradutor e intérprete de Libras não tem início, necessariamente, a partir da legislação e da oferta de curso superior, é válida a reflexão sobre como a formação pode ser construída de modo a favorecer o desenvolvimento profissional.

Abordando questões relacionadas à formação nesse campo a partir de uma prática formativa, Almeida e Lodi (2014) levantam questões que podem ser consideradas fundamentais para essa reflexão. Destaca-se “a necessidade do profissional tradutor e intérprete de Libras manter formação contínua, na medida em que apenas a formação inicial, propiciada por meio de cursos de graduação, não é suficiente para a gama de espaços em que ele irá atuar” (p. 128).

Naturalmente, a formação contínua não diz respeito apenas ao profissional que inicia sua base formativa num curso superior, mas é fundamental a todos os tradutores e intérpretes de Libras que constituindo uma identidade profissional se reconheçam enquanto aqueles que viabilizam as ações de inclusão de surdos, logo de acessibilidade e exercício de cidadania.

Além da formação contínua, menciona-se a importância de uma relação teórico-prática no processo formativo, sendo que para além dos aspectos teóricos e ensino da língua, a produção de sentidos deve ser garantida, bem como o conhecimento de linguagens constitutivas das línguas em uso nos diferentes contextos. É importante também ter conhecimento e domínio de aspectos linguísticos e discursivos, desenvolvendo habilidades e competências metacognitivas e linguísticas. Para tanto, a troca com profissionais mais

experientes, ouvintes e surdos favorece a análise metalinguística e a construção de sentidos na interpretação (ALMEIDA; LODI, 2014).

Essa dimensão do processo formativo para o exercício profissional, ainda com base nas autoras supracitadas, pode ser construída e consolidada a partir de uma participação coletiva em propostas de formação, a qual deve ser comprometida a favorecer a reflexão e análise dos tradutores intérpretes de Libras sobre a própria atividade.

Nesta linha de reflexão, compreende-se que formação inicial, formação contínua, relação teórico-prática, troca com profissionais mais experientes e reflexão sobre o fazer são termos que remetem a conceitualizações adotadas na formação para a docência. E, embora tais conceitos possam ser fundamentados em outras profissões, em aproximação teórica com o referido campo da formação de professores, alguns são trazidos para se pensar a formação do tradutor e intérprete de Libras.

Por se compreender que aprender a ensinar e a ser professor, e aprender a traduzir e a interpretar e ser tradutor e intérprete de Libras têm traços característicos comuns do ponto de vista conceitual, partindo-se de ponderações teóricas de estudiosos da docência, apresenta-se elementos da formação de professores para então se refletir aspectos da formação dos sujeitos participantes da pesquisa.

É compreensível que uma aproximação teórica não resolveria questões relacionadas à formação do tradutor e intérprete de Libras, mas discussões e estudos no campo da formação de professores podem também fornecer elementos a ser considerados válidos para a formação do profissional no referido campo da tradução e interpretação.

## **2.1 Os desafios da profissionalização e o desenvolvimento profissional: seleção conceitual da docência para a tradução e interpretação**

Antonio Nóvoa (1992, 1999a, 1999b, 2003, 2009, 2016a, 2016b, 2017a, 2017b) traz contribuições para a área da docência. A formação de professores para o teórico é construída dentro da profissão e se torna possível na interface com as práticas que emergem do fazer docente.

Ao abordar questões relacionadas aos desafios do trabalho e formação de professores no século XXI, Nóvoa (2009, 2017a) sugere o conceito de disposição. O autor adota “um conceito mais «líquido» e menos «sólido», que pretende olhar preferencialmente para a

ligação entre as dimensões pessoais e profissionais na produção identitária dos professores” (NÓVOA, 2009, p. 3), reorientando a reflexão técnica e instrumental acerca da profissão docente para um viés cultural das interfaces da profissionalidade docente e da personalidade do professor.

A questão é que não há como a pessoa desvencilhar-se de sua profissão e esta não subsiste sem o próprio ser profissional, ou seja, o eu-pessoal está ligado ao eu-profissional. Assim, o professor atua a partir daquilo que é, e o que ele é está muito presente na atuação, logo, o trabalho realizado é marca de si, por isso a importância do autorrefletir e autoanalisar-se (NÓVOA, 2009).

A dimensão pessoal na profissional está para um reconhecimento de questões técnicas e científicas do trabalho, mas, também, para valorização do pessoal-profissional e o do profissional-pessoal. A formação, nesse sentido, não diz respeito apenas à construção de conhecimentos e atitudes, mas a uma dimensão relacional e cultural. Nas palavras do autor

Refiro-me à necessidade de elaborar um conhecimento pessoal (um auto-conhecimento) no interior do conhecimento profissional e de captar (de capturar) o sentido de uma profissão que não cabe apenas numa matriz técnica ou científica. Toca-se aqui em qualquer coisa de indefinível, mas que está no cerne da identidade profissional docente. O registo escrito, tanto das vivências pessoais como das práticas profissionais, é essencial para que cada um adquira uma maior consciência do seu trabalho e da sua identidade como professor. A formação deve contribuir para criar nos futuros professores hábitos de reflexão e de auto-reflexão que são essenciais numa profissão que não se esgota em matrizes científicas ou mesmo pedagógicas, e que se define, inevitavelmente, a partir de referências pessoais (NÓVOA, 2009, p. 7).

Considera-se que a construção da formação dentro da profissão e a construção do conhecimento pessoal no interior do conhecimento profissional são aspectos a serem refletidos no campo da tradução e interpretação Libras/língua portuguesa pela hipótese de que a formação nessa área pode se construir multideterminada a partir de diferentes agências e agentes formadores.

Nóvoa (2017a, 2017b), no campo da formação para a docência, com base no termo posição estabelece quatro conceitos que possibilitam essa reflexão e que ligam a pessoa à profissão e esta a sua dimensão pública, a saber: i) disposição pessoal; ii) interposição profissional; iii) composição pedagógica e iv) exposição pública. Os conceitos são apresentados, embora as análises do estudo permitam destaque à disposição pessoal e à interposição profissional.

O primeiro desdobramento assumido pelo teórico a partir do termo posição seria o conceito de disposição pessoal, a qual o profissional precisa desenvolver. Para Nóvoa (2017a, 2017b), o eu-pessoal, o que é, está ligado ao eu-profissional, o que ensina. Para assumir a atividade da docência é necessário se preparar e se construir profissionalmente por meio de uma disposição pessoal. Para tanto, é necessário um espaço de autoconhecimento e autoconstrução que, além de favorecer a estruturação de uma composição de saberes (composição pedagógica), confere maior consistência no que se faz, dada a possibilidade de adensar em diferentes aspectos, inclusive, pessoal e cultural.

A condição profissional que se amplia pela disposição pessoal também é potencializada a partir da parceria com pares pela interposição profissional, processo importante para construir a própria posição na profissão. Embora preparar-se para ser profissional a partir de cursos e atividades afins possa ser significativo, na teoria ‘novoiana’ é fundamental investir na construção da formação por meio de grupos de pesquisas e da troca, ou seja, partilha com pares e profissionais mais experientes, de modo que a reflexão no coletivo viabilize o desenvolvimento de novas formas de trabalho e da cultura profissional.

Essa partilha pela interposição profissional ocorre quando profissionais mais experientes protagonizam de forma ativa a formação de seus pares, o que diz respeito ao espaço e à responsabilidade que são necessários construir no interior da profissão, no sentido de ser profissional não apenas para si, mas ser responsável pela formação do outro que não se faz individualmente, mas com suporte e apoio de seus pares para a constituição de um corpo profissional.

Passa-se, então, para o terceiro desdobramento conceitual com base no termo posição assumido por Nóvoa (2017a; 2017b), que diz respeito à composição pedagógica. No processo de formação dentro da profissão, assumido pela disposição pessoal, potencializado pela interposição profissional, existe uma singularidade em relação à composição de saberes constituída pelo conhecimento científico cultural (áreas do saber) e pelo conhecimento histórico e didático (história e filosofia da educação, teorias etc.).

Embora ambos os conhecimentos sejam fundamentais na formação e profissão, são escassos, mas podem se tornar mais completos pelo conhecimento profissional que se constrói e que surge do exercício da profissão por meio da reflexão, constituindo uma composição pedagógica a partir de tais conhecimentos (NÓVOA, 2017b).

A profissão da docência, conforme Nóvoa (2009, 2017a), além de estar para o humano e para o relacional, está também para a responsabilidade social. O conhecimento profissional

construído pela reflexão confere autonomia para decisões e ações a partir do que o autor denomina de sensibilidade pedagógica. Além disso, o trabalho, que não se limita ao espaço escolar, tem uma extensão para as questões sociais, dimensão da profissão que se pressupõe ser assumida com ética e compromisso social na busca por uma construção para o que é de todos a partir da exposição pública, quarto desdobramento conceitual adotado pelo teórico.

Nesse sentido, à formação cabe contemplar as demandas da atuação e da sociedade e, para tanto, ocorrer também numa dimensão política e cultural. O professor, a partir da disposição pessoal e da composição pedagógica construída, entre outros, pela partilha e pela reflexão, precisa reconhecer que não pode mais apenas ensinar o básico, mas para mediar processos de ensino e aprendizagem se faz necessário que seus conhecimentos sejam diversos e ampliados constantemente, inclusive, para responder questões sociais que cabem à sua profissão.

Pensando a construção da formação profissional do tradutor e intérprete de Libras pela hipótese de sua configuração multideterminada, e em diálogo com os aportes teóricos versados nesta pesquisa sobre a constituição da profissão, compreende-se esses desdobramentos como favorecedores do desenvolvimento profissional. Essa relação se estabelece pela disposição pessoal em construir uma composição de saberes que confira autonomia ao profissional e sustente questões relacionadas à profissão que exerce em processos contínuos de formação potencializados, entre outros, pela partilha, compreendida como lócus de desenvolvimento e cultura profissional.

Apresentando um panorama dos aspectos relacionados à aprendizagem da docência e ao desenvolvimento profissional do professor, Tancredi (2009) relata que “aprender a ensinar e a ser professor são processos contínuos que ocorrem ao longo da vida, começando bem antes do momento da formação em cursos de graduação especialmente voltados para esse fim” (p. 7).

A partir da licenciatura pressupõe-se um repertório para o fazer docente, porém, as especificidades da docência demandam a formação continuada. As necessidades e as imprevisibilidades percebidas desde o início da carreira dos profissionais precisam ser contempladas, e a formação contínua, inclusive a formação em serviço no exercício profissional, além da coexistência da teoria e da prática, favorecem a consciência do fazer docente, a identidade profissional, atualização, aprimoramento e domínio de conteúdo, sendo a reflexão uma importante ferramenta de aprendizagem da docência e desenvolvimento de competências (MILL; SILVA, 2012).

Conforme Tancredi (2009), as dinâmicas e as transformações sociais e políticas afetam a tarefa de ser professor, além de conferir complexidade à mesma. As condições e perfis dos alunos no contexto atual se diferem do passado, e os novos modos de organização social impulsionam a mobilidade e a diversidade cultural no espaço escolar, assim, “a formação como construção de conhecimentos e atitudes que favorecem as primeiras inserções na prática é abrir-se para aprender ao longo da vida profissional [...]” (p. 15), logo é continuada.

A formação contínua, conforme se compreende a partir das reflexões de Nóvoa (2009, 2017a), além dos processos institucionalizados, também se constrói no bojo da profissão. A produção de sentidos na dimensão da formação dentro da profissão é favorecida por diferentes aspectos, como pela reflexão e pela partilha. Ambas, além de constituírem uma identidade ao profissional, o torna consciente de sua profissão que envolve questões científicas, pedagógicas e pessoais, favorecendo a constituição e a construção de um autoconhecimento (conhecimento pessoal) no saber profissional.

Com base nas ideias de Nóvoa, a autoformação pela reflexão pode ser praticada com o narrar do professor por meio de um registro escrito, por exemplo, sobre a história de vida profissional ou de questões que emergem do trabalho. Conforme Mill e Silva (2012), o professor passa a ser pesquisador da própria prática que exige novos conhecimentos, e por meio da reflexão a dimensão da atuação é melhor atendida e o profissional amplia suas possibilidades, uma vez que “a construção da expertise em qualquer área da atividade humana se dá necessariamente por meio da reflexão na e sobre a ação” (p. 206).

No que se refere à partilha, retomando Nóvoa (2009, 2017a), pela interposição profissional, essa prática, que não é assumida apenas por investigadores, entenda-se formadores, embora seja fundamental a aproximação ao rigor científico de caráter teórico-metodológico, efetiva-se também pela troca com pares, o que viabiliza, ainda, uma aproximação de caráter cultural, de uma cultura profissional.

A partilha é um agente de construção da formação, ou seja, a realização e consolidação de um trabalho coletivo a partir de um “tecido profissional enriquecido” (NÓVOA, 2009, p. 8), o que se compreende como um corpo profissional para atuar em equipe diante da complexa realidade do espaço de atuação que, como lócus de formação compartilhada, viabiliza a construção de um conhecimento e cultura profissionais.

De acordo com Tancredi (2009), as experiências geram conhecimentos quando há reflexão criteriosa e sistemática da prática que passa a ser teoricamente fundamentada. Trata-se de uma observação intencional que gera nova compreensão, e a formação de professores se

dá nessa interface, sendo possível a construção de conhecimentos diversos a partir da atuação e da reflexão, processo ainda mais significativo se compartilhado, uma vez que a troca estabelecida entre os profissionais “ajuda os professores a verem outros aspectos de uma situação, a colaborarem com a formação de outros professores [...]” (p. 18).

Nesse viés, a profissão docente não se restringe e não se reduz à transmissão de saberes, o que a depreciaria, mas caracteriza-se pela construção de um conhecimento profissional docente que resulta das “práticas investidas do ponto de vista teórico e metodológico” (NÓVOA, 2009, p. 4) em vias de contemplar a dinamicidade prática, técnica, cultural e social que a envolve.

Da mesma forma, as dinâmicas e transformações de natureza social e política relacionadas e direcionadas aos surdos afetam a tarefa de ser tradutor e intérprete de Libras porque conferem complexidade à atividade e impulsionam a área que não se mantém estática diante dos avanços do campo da surdez, mas nessa interface progride.

Os novos modos operantes de organização social culminam numa abertura que amplia a inserção dos surdos nos diferentes espaços na sociedade, os quais ocupam sua posição sob outras formas de se representarem, bem como na realidade que os cerca. Nesse sentido, é fundamental a disposição pessoal do tradutor e intérprete de Libras para uma formação ampla e que o profissional assuma uma postura ativa para contemplar as demandas de sua atuação e construir sua formação dentro da profissão.

Assim, como conhecimentos básicos são insuficientes ao professor, no caso do tradutor e intérprete de Libras, muito mais do que um conhecimento básico da língua de sinais, é necessário, entre outros fatores que determinam o fazer profissional, saber fazer uso das línguas na complexa e plural rede de relações sociais que se ampliam cada vez mais pelos direitos dos surdos e por sua garantia.

De acordo com Almeida e Lodi (2014), a tradução e a interpretação configuram-se como atividades de elaboração de conceitos, exigindo múltiplos saberes, além do conhecimento das línguas, Libras e português, e da fluência na língua de sinais. Esse saber específico é fundamental, mas insuficiente, dado que, como uma prática não mecânica, a tradução e interpretação envolvem processos de produção de sentidos, abrangendo tempo, sujeitos, espaços, discursos, histórias e diferentes linguagens das línguas, por isso a importância de uma formação contínua, da reflexão sobre a prática e da troca com pares e com profissionais mais experientes.

A dimensão da partilha, certamente, pode ser compreendida no trabalho da tradução e interpretação da Libras, no sentido em que diferentes aspectos perpassam e podem contribuir para o fazer prático do tradutor e intérprete de Libras, para a consolidação de um trabalho coletivo e enriquecimento da cultura profissional.

A título de ilustração, ressalta-se que existem diferentes níveis de fluência na língua de sinais, e as estratégias adotadas por um profissional podem ser apropriadas por outros, bem como discutidas coletivamente ou em pares a depender dos contextos em que atuam. A realização do trabalho no formato em pares ou em equipe viabiliza, ainda, o apoio, considerado como uma técnica de aprendizagem e aperfeiçoamento (SANTA CATARINA, 2013).

Compreende-se também que, sob o viés de profissionalização, um curso de formação específica no campo da tradução e interpretação pode, evidentemente, abranger aspectos fundamentais da dimensão da atividade que o profissional exerce. Entretanto, no que tange à condição de lidar com as imprevisibilidades da atuação, é fundamental um continuum formativo. Nessa perspectiva, não apenas a preponderância da reflexão numa proposta de formação institucionalizada, mas o exercício da reflexão na profissão ativa na formação, e a formação ativa na profissão, favorecendo esse processo de diferentes formas para a produção de sentidos e transformações no fazer profissional.

Assim, a formação com base numa disposição pessoal, construída também na interposição profissional, contempla a relação teoria e prática, as quais não se dicotomizam, mas a última é transformada em conhecimento que emerge da reflexão de questões internas do trabalho. Desse modo, a teoria passa a fundamentar a prática profissional instituída pela reflexão que amplia o repertório da composição de saberes do profissional.

Nessa interface, a teoria subsidia a prática que, por sua vez, é transformada e ampliada ao longo de reflexões sistemáticas sobre o fazer traduzir e interpretar, permitindo ao tradutor e intérprete ter mais autonomia no exercício de sua atividade, dado que a prática é formativa, principalmente quando refletida. Sob os pressupostos teóricos aqui refletidos, sugere-se a reflexão e análise sobre a construção da formação profissional do tradutor e intérprete de Libras dos sujeitos participantes da pesquisa, conforme se vê nos capítulos a seguir.

## CAPÍTULO 3

### PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Propõe-se, nesse momento, apresentar o percurso metodológico adotado na presente pesquisa de abordagem qualitativa que teve como objetivo principal investigar o desenvolvimento profissional do tradutor e intérprete de Libras, especificamente: a) levantar e analisar as experiências formativas significativas e b) caracterizar os processos formativos no desenvolvimento profissional.

A partir de Ludke e Andre (1986), a abordagem qualitativa corresponde a uma pesquisa que viabiliza ao pesquisador o contato com o contexto que se busca investigar. Tal contato é de grande interesse de pesquisadores no contexto educacional, considerando que permite uma descrição detalhada da complexidade escolar. Além disso, a pesquisa qualitativa permite descrever o objeto investigado e aquilo que a ele relaciona-se.

Nesse viés, a construção da pesquisa, e não apenas seu resultado final, é fundamental, dado que o processo é valorizado e o significado que as pessoas atribuem às coisas é muito importante para quem investiga – que tem o interesse de compreender a perspectiva dos participantes. Os dados na pesquisa qualitativa descrevem as situações e relações do objeto de estudo. E em relação ao pesquisador, na abordagem qualitativa, o mesmo precisa estar atento aos detalhes que, embora considerados em menor destaque, podem contribuir significativamente para a compreensão do objeto investigado (LUDKE; ANDRE, 1986).

De acordo com Lacerda (2003), esse tipo de pesquisa valoriza não apenas os processos e o desenvolvimento do objeto a que se propõe investigar, mas o próprio sujeito, o contexto e a história que lhe diz respeito. Conforme a autora, o participante da pesquisa, enquanto sujeito cultural, é ator das transformações sociais que também o transformam, e “não é possível compreender o homem, sua vida, seu trabalho e seus propósitos fora dos contextos sócio-culturais que ele mesmo cria” (p. 3)

A pesquisa passou por procedimentos éticos necessários para sua realização, sendo o projeto submetido e aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisas com seres humanos da UFSCar sob o CAAE: 58254516.2.0000.5504 e Parecer 1.664. 538. Os participantes foram informados sobre as proposições e objetivos do estudo e a participação se deu mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

### 3.1 Local

A pesquisa foi realizada em uma cidade do interior do estado de São Paulo com cerca de 245 mil habitantes<sup>2</sup>. No tocante à surdez, no município, diferentes ações vêm sendo desenvolvidas, as quais são extremamente relevantes aos processos de inclusão do surdo no município, como o projeto de educação bilíngue na Educação Infantil e o curso em universidade pública de bacharelado em tradução e interpretação Libras/língua portuguesa. Ressalta-se que esse curso tem em seu corpo docente professores surdos e tradutores e intérpretes de Libras. A cidade também possui um Programa de Pós-Graduação específico em Educação Especial que produz conhecimentos na área da surdez, além de ter mestrandos e doutorandos surdos.

### 3.2 Participantes

Foram participantes diretos dessa pesquisa 3 tradutores e intérpretes de Libras. Para auxiliar o leitor, foi elaborado o Quadro 1 com as informações sobre os sujeitos:

Quadro 1 – Caracterização dos participantes

<b>Identificação</b>	<b>Idade</b>	<b>Tempo de atuação enquanto intérprete<sup>3</sup></b>
Alberto	30	4 anos
Susi	32	9 anos
André	24	1,5 ano

Para a seleção dos participantes, optou-se pelo contato com representante da associação de surdos da comunidade local, de modo a mapear quem eram os tradutores e intérpretes de Libras reconhecidos por essa entidade. Esse critério foi estabelecido por se compreender que a associação é lócus da representatividade surda no município.

A representante da associação de surdos, diretora social, passa a ser nomeada Lavínia neste estudo. Diante do questionamento de quem seriam os tradutores e intérpretes de Libras reconhecidos, ela socializou a questão em grupo de mídia social da Associação de surdos local para esse levantamento, o que se compreende como um processo de valorização da voz de sujeitos a quem se representa de modo ético.

De acordo com Lavínia, não são todos os surdos do município que participam da associação. Além disso, ela ressaltou que a entidade representa e reconhece as pessoas mais ativas diante da associação, mais participativas e em contato direto com os surdos, público

---

<sup>2</sup> Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2017.

<sup>3</sup> Dado apresentado pelo sujeito na data da entrevista.

com o qual o profissional atua, destacando que a atuação não diz respeito apenas ao ato de interpretar.

Cinco nomes de tradutores e intérpretes de Libras em contato próximo com a comunidade surda que se organizava na associação foram indicados. Dois desses nomes são Lavínia e Arthur (nomes fictícios) que, além de serem reconhecidos e estabelecerem esse contato próximo com os surdos, também fazem parte mais diretamente da associação enquanto membros da diretoria. Considerando o contato já estabelecido com Lavínia, optou-se por não os entrevistar como sujeitos da pesquisa por serem representantes diretos da instituição. Desse modo, dos intérpretes que foram reconhecidos pela associação, três foram selecionados como participantes.

O primeiro tradutor e intérprete indicado pela associação é nomeado Alberto nesta pesquisa. Conforme Lavínia destacou, é participativo nas atividades da associação local, bem como na associação do município em que morava anteriormente, estando engajado nas ações realizadas na comunidade surda. A segunda tradutora e intérprete selecionado, nomeada Susi, também foi reconhecida por ser participativa e manter contato com os surdos, e o terceiro participante, também reconhecido e indicado pela associação, aqui nomeado por André, é ouvinte, filho de pais surdos e bastante participativo na comunidade local. Além disso, estava inserido e em contato com a comunidade surda desde a infância, pois, conforme Lavínia, seu contato com surdos lhe foi possível desde a tenra idade - o que, atualmente, foi direcionado para a vida profissional.

Apesar de os sujeitos se situarem e se desenvolverem de modo singular, apresentam aspectos que se relacionam, que ocorrem em momentos distintos e de modo diverso nas trajetórias profissionais. Assim, com base nos dados fornecidos por eles durante as entrevistas, segue a apresentação individual dos participantes que em seus relatos apresentam elementos da formação, concepção e vivências analisados e refletidos neste estudo.

Alberto, 30 anos, tem formação superior em Gestão de Produção Industrial, Pós-Graduação em Tradução e Interpretação Libras/Português e, no momento da pesquisa, concursado, trabalhava no contexto educacional em nível superior em uma instituição federal. Antes de trabalhar como tradutor e intérprete de Libras foi, no campo da surdez, professor de surdos, ministrando aula em língua de sinais num curso oferecido a partir da parceria entre uma instituição de formação para a indústria e a associação de surdos do município em que morava.

Susi, 32 anos, teve contato com a surdez a partir de um curso de formação superior específica em Tradução e Interpretação, com duração de 2 anos, numa instituição de Ensino Superior no interior do estado de São Paulo. De acordo com a participante, com o curso descobriu outro mundo, mas, inicialmente, não percebeu a complexidade da área que passava a se inserir. Com ampla experiência como intérprete educacional, já atuou no Ensino Fundamental num projeto bilíngue e atualmente no nível superior. Cursa licenciatura em Letras/Espanhol, uma terceira língua, considerando, conforme destacou, o contexto acadêmico em que atua, concebendo que no curso pode estudar questões que a inquietam em sua área de atuação.

André, filho de pais surdos, tem um irmão e outros familiares na mesma condição. Embora alguns façam uso de aparelho auditivo, destacou que a comunicação em Libras é natural no espaço familiar, sendo a sua primeira língua. Mantém contato com surdos na família e na associação em contextos distintos desde a infância, aprendendo e desenvolvendo a língua de sinais a partir de sua participação na comunidade surda.

### **3.3 As entrevistas com os Tradutores e Intérpretes de Libras e língua portuguesa**

A especificidade da atividade dos tradutores e intérpretes se dá na interface com o trabalho, vida e suas vivências, sendo sujeitos culturais que vivem em contextos sociais, culturais múltiplos e distintos. Para conhecer os processos formativos desses profissionais, a coleta de dados se deu por meio de entrevista com questões abertas, buscando levantar suas experiências formativas em vias de compreender aspectos que lhe eram inerentes, significando-as na possibilidade de se ampliar a compreensão acerca da temática.

Optou-se pelo uso da entrevista semiestruturada como procedimento para a coleta dos dados da pesquisa, visto que “é indicada para estudar um fenômeno com uma população específica” (MANZINI, 2012, p. 8), e por se compreender que a partir de sua realização as informações seriam fornecidas livremente pelos tradutores e intérpretes de Libras participantes.

A entrevista semi-estruturada é uma das formas para coletar dados. Ela se insere em um espectro conceitual maior que é a interação propriamente dita que se dá no momento da coleta. Nesse sentido, para nós, a entrevista pode ser concebida como um processo de interação social, verbal e não verbal, que ocorre face a face, entre um pesquisador, que tem um objetivo previamente definido, e um entrevistado que, supostamente, possui a informação que possibilita estudar o fenômeno em pauta, e cuja mediação ocorre, principalmente, por meio da linguagem (MANZINI, 2004, p. 9)

Para organizar o modo de apresentar as questões aos tradutores e intérpretes de Libras, um roteiro foi elaborado buscando contemplar questões básicas, mas relacionadas ao tema, para atender os objetivos da pesquisa e interagir com os sujeitos. Considerou-se que “deve existir flexibilidade na sequência da apresentação das perguntas ao entrevistado e o entrevistador pode realizar perguntas complementares para entender melhor o fenômeno em pauta” (MANZINI, 2012, p. 8).

Para a validação do roteiro, foi realizada uma entrevista piloto, a fim de contemplar os cuidados que favorecessem liberdade aos participantes durante a entrevista e esta se materializasse sem um direcionamento do pesquisador. Para tanto, foi fundamental levantar, a partir da entrevista piloto, modos de abordagem para que as questões não fossem direcionadas, elementares ou vagas. Esse roteiro foi apresentado no Grupo de Estudos Surdez e Abordagem Bilíngue, o que permitiu aprimorá-lo, tendo um foco no processo formativo.

Chegou-se ao seguinte roteiro final:

1. Aprendizado da língua de sinais: o que levou a aprender a língua e a se formar enquanto intérprete?
2. Formação e Desenvolvimento: discorrer sobre o que é considerado significativo;
3. (Tipo) de formação inicial e continuada: dialogar sobre os processos formativos que teve e/ou tem oportunidade de vivenciar;
4. Existiram desafios na formação? A formação é necessária?

Enquanto pesquisadora, a postura deu-se por meio da interação, demonstrando atenção e estimulando a participação do sujeito, de modo que se sentisse à vontade para se expressar. A partir das informações sobre a pesquisa compartilhada pela pesquisadora ao convidar os participantes, e que foram retomadas no momento da entrevista, os entrevistados discorreram sobre o tema pesquisado “que no fundo são a verdadeira razão da entrevista” (LUDKE; ANDRE, 1986, p. 33-34).

As entrevistas foram realizadas em sala de estudos no departamento do Programa de Pós-Graduação em que a pesquisa foi realizada. A indicação do espaço foi sinalizada como uma opção aos participantes por ser um ambiente que permite captação de áudio, além de ser de fácil acesso aos sujeitos. O registro das entrevistas foi realizado com auxílio de um gravador digital e tiveram períodos distintos de duração, conforme explicitado no Quadro 2.

Quadro 2 – Duração da entrevista dos sujeitos participantes

Participante	Susi	Alberto	André
<b>Tempo parcial</b>	32:16min 10:18min 08:41min	31:50	35:07
<b>Tempo total</b>	51:17min	31:50	35:07

Susi retomou a fala duas vezes após encerrar a primeira gravação, destacando que tinha mais um aspecto a pontuar e, no momento de despedida, também frisou o que considerou relevante em mais uma retomada de discurso.

A etapa de interação com os sujeitos foi fundamental. A escuta realizou-se com extrema atenção aos participantes, e para demonstrar interesse e valor nos relatos, por meio de expressões faciais, corporais e vocais eram introduzidas, quando necessário, questões para que os mesmos dessem continuidade à fala ou para se investigar alguns pontos mais profundamente.

Como procedimento de análise de dados, buscou-se conteúdos e sentidos. Para tanto, após a transcrição na íntegra das entrevistas, a interpretação deu-se, inicialmente, a partir da organização de mapas com conteúdos/temas em categorias. Trechos que narravam diferentes assuntos foram recortados e selecionados conforme os objetivos da pesquisa com base no referencial teórico estudado, de modo que se buscou “interpretar os trechos dentro de suas temáticas focalizando aspectos descritivos, explicativos e de reflexão presentes nos depoimentos” (LACERDA, 2003, p. 9).

Os trechos não foram preestabelecidos, mas foram selecionados com base nos objetivos do estudo por meio de análise qualitativa, visando apreender os sentidos das narrativas dos participantes, conforme proposto por Lacerda (2003). A entrevista, a escuta do material, a transcrição e a leitura dos dados transcritos compuseram as etapas da análise que demandaram atenção em todo o processo, e buscaram a valorização das narrativas e dos participantes enquanto sujeitos culturais.

Para análise dos dados, as etapas abaixo descritas foram seguidas. Tais etapas foram desenvolvidas também com base em Lacerda (2003), e considerando que essa pesquisa foi produzida no campo das ciências humanas, a interpretação foi realizada durante todo o processo, possibilitando a produção de sentidos.

A etapa preliminar da análise ocorreu durante o levantamento das informações a partir da coleta de dados. A *etapa I* da análise compreendeu uma ampla concentração das

informações decorrentes das entrevistas. A atenção aos dados coletados nessa fase se deu na escuta e na transcrição dos áudios, por meio dos quais foi possível organizar mapas para a continuidade das análises.

A organização dos mapas, *Etapa II*, deu-se a partir da divisão dos relatos em trechos recortados das entrevistas compostos de palavras, frases ou expressões que associavam sentidos relacionados a um conteúdo específico. Nessa etapa de interpretação do material, tendo em vista os objetivos da pesquisa e com base nos assuntos apresentados pelos sujeitos participantes, os trechos foram destacados, constituindo os temas e subtemas a serem analisados, como explicitado no Quadro 3 (LACERDA, 2003).

Quadro 3 - Etapa II –Análise de Conteúdo

Sujeito	Trecho da entrevista destacado	Interpretação feita para o trecho
---------	--------------------------------	-----------------------------------

Foi realizada uma leitura criteriosa dos trechos selecionados, dos quais emergiram temas considerados recorrentes, representando aspectos apresentados pelos sujeitos participantes. Foram identificados alguns trechos referentes a mais de uma temática e todos os trechos selecionados foram os elementos e/ou unidades de análise.

Inicialmente, diferentes temas foram levantados a partir das escutas iniciais e transcrição das entrevistas, a saber, experiência formativa, formação acadêmica, contato com surdos, atuação informal, atuação como tradutor e intérprete de Libras, percepção e concepção da atividade, pares intérpretes, pares linguísticos surdos, pares linguísticos ouvintes, recursos formativos, cursos específicos e formação em serviço.

Uma vez que os temas foram identificados, a *etapa III* deu-se a partir da disposição temporal dos trechos. E, finalmente, em *etapa final* de organização dos dados, em análise elaborou-se o Quadro 4, no qual se dispôs referências teóricas que fundamentaram os temas que emergiram e seus respectivos trechos.

Quadro 4 - Etapa Final- Análise de Conteúdo

Tema	Trecho	Base teórica
------	--------	--------------

Nessa etapa, deu-se início à interpretação dos trechos, sendo possível a reflexão a partir da descrição e/ou explicação dos aspectos constitutivos das temáticas e trechos correspondentes. Notou-se os temas que se relacionavam e poderiam ser organizados de modo

a contemplar aspectos comuns para as análises, chegando a três categorias principais: formação comunitária, formação sistematizada e formação em serviço, que serão apresentadas em capítulo posterior.

É reconhecido que, diante da possível multiplicidade de temas que poderiam ser levantados nos procedimentos de coleta e análise, as buscas sobre os processos formativos e a construção da formação profissional do tradutor e intérprete de Libras não se esgotam nesse estudo, que ainda tem muito a ser explorado.

## CAPÍTULO 4

### CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A partir de experiências e motivações distintas dos sujeitos participantes da pesquisa, buscou-se refletir sobre características que compõem a construção da formação e do desenvolvimento profissional do tradutor e intérprete de Libras, bem como conhecer como e quais podem ser os processos formativos de um profissional na área.

Para tanto, três categorias principais são apresentadas, a saber: formação comunitária, formação sistematizada e formação em serviço. As categorias não são inflexíveis ou estanques, mas são e apresentam-se relacionadas por aspectos que são percebidos como relativos entre si a partir dos relatos dos sujeitos participantes.

#### **4.1 Formação Comunitária**

Define-se formação comunitária como a modalidade formativa que ocorre nos espaços e encontros informais de interação. Embora não tenha uma intencionalidade formativa em si por ser informal e acontecer no lócus das interações sociais, a formação comunitária carrega uma recursividade linguística e cultural que subjaz a constituição profissional.

Na formação comunitária, os aspectos linguísticos e culturais podem ser apropriados na espontaneidade das relações. Uma vez reconhecida e valorizada pelo tradutor e intérprete de Libras, os encontros estabelecidos informalmente passam a ser percebidos e/ou representados como possibilidades de construção de saberes, conhecimentos e cultura profissional.

Constatou-se que a formação comunitária pode se efetivar por meio de processos formativos distintos, a saber, pela participação do tradutor e intérprete de Libras na comunidade surda, pela interação desse profissional com surdos fluentes em contextos sociais distintos, e também a partir do contato e da troca com pares profissionais.

Participar da comunidade surda significa ter condições de uso da Libras, que pode ser apropriada e desenvolvida num espaço social que favorece o desenvolvimento profissional, haja vista que o contato com esta comunidade viabiliza imersão na língua e nas práticas sociais/culturais desse grupo. Trata-se, assim, de um processo relevante para o aprendizado da língua de sinais na construção da formação profissional. Conforme se vê:

Meus pais frequentavam a comunidade surda na associação, encontro de surdos e eu sempre fui atrás, então, eu acredito que aí começou o meu desenvolvimento realmente na língua de sinais [...] Nisso de tanto frequentar a comunidade, de sempre estar com eles, realmente eu aprendi a língua (ANDRE, JULHO, 2017).

A participação de André na comunidade surda, inserindo-se na associação e participando de encontros de surdos, aponta para o estabelecimento de relações que permitem aos seus participantes trocas sociais e linguísticas, logo, culturais. Compreende-se, nesse sentido, que a associação, além de delinear ações e questões organizadas, relacionadas aos interesses e necessidades dos surdos, configura-se, também, como um espaço social de encontros entre surdos e surdos, surdos e ouvintes, familiares de surdos e tradutores e intérpretes de Libras. Inclusive, nesse contexto, é possível a constituição do profissional, conforme destaca Alberto, que atuou por praticamente quatro anos em contextos mais básicos na associação do município em que morava.

Comecei aprendendo língua de sinais em 2009. Acho que o primeiro processo de formação é quando começa a aprender língua de sinais, comecei aprendendo lá na associação de surdos. Foi de 2009 a 2013 que eu só atuei em contextos comunitários. Então, foi praticamente 4 anos sem ser, sem atuar como intérprete, mas atuava apenas dentro da associação em situações de mediação, por exemplo, de um professor surdo e visitante ouvinte naqueles contextos mais básicos. [...] eu tinha muitas vivências dentro da associação, fui constituído enquanto intérprete dentro de uma associação de surdos (ALBERTO, MAIO, 2017).

Embora a associação possa ser considerada como um lócus em potencial de encontro com surdos, compreende-se que esse contato pode ocorrer em contextos variados nos quais é possível estabelecer trocas com os falantes dessa língua, os surdos mais experientes do ponto de vista linguístico.

A troca com falantes da Libras em diferentes níveis de uso da língua é significativa, todavia, o contato com surdos fluentes, que presentes nos diferentes espaços sociais se encontram com tradutores e intérpretes de Libras, possibilita, de modo informal, mas potencial, que o desenvolvimento profissional seja favorecido pelas condições de uso da língua de sinais que se aprimoram a partir desse intercâmbio linguístico formativo.

Destaca-se nas palavras de Susi que

Formação informal acontece quando você está numa conversa com surdos, uma conversa assim, hã, informalmente eu aumento o meu vocabulário, informalmente eu aprendo diferentes formas de dizer uma coisa que eu não conversava sobre isso em Libras, e isso te dá condições de ampliar as suas possibilidades de construção linguística. Por incrível que pareça, numa conversa de cinco minutos te dá tudo isso.

Então, isso é uma formação informal porque é uma conversa informal, e isso te ajuda. Quando você estiver numa situação mais formal você consegue utilizar, você consegue ter em mãos pra enriquecer o seu discurso, e o surdo: Olha, ela conseguiu construir em outras formas. E por isso aquela coisa de não parar, de não deixar adormecer o conhecimento. Sempre estar na conversa com outros intérpretes nas situações (SUSI, MAIO, 2017)

Pressupondo o nível linguístico de interlocutores surdos fluentes na Libras, esse intercâmbio é considerado um processo formativo ao tradutor e intérprete de Libras no sentido de que, além do uso da língua de sinais ampliado, é possível que se tenha condições de autoavaliação dos modos de uso e produção na língua. Infere-se, pela narrativa de Susi, que existe um potencial para a construção da formação profissional nos encontros e diálogos com esses pares linguísticos em diferentes espaços.

Conforme Alberto,

Então às vezes espera cursar, fazer uma oficina de sei lá 2 dias pra aprender sobre classificadores e, por exemplo, você vê um surdo falando ali num restaurante, numa conversa de bar dando uma aula de classificador [...] e muitas vezes a gente recorre a essas experiências que a gente teve, que nem sempre foram em contexto de formação mesmo formais [...] Numa conversa entre amigos lá na associação, por exemplo, você vê uma forma de dizer que você pode aplicar no seu ato de interpretação cinco anos depois, então, não quer dizer que você não aprendeu algo ali. E com certeza faz diferença porque quanto mais experiência você tem na diversidade de experiências eu acho que colabora no processo de interpretação porque você nunca sabe o que te espera (ALBERTO, MAIO, 2017).

Com base na narrativa de Alberto, infere-se que as variações sociais de uso da língua de sinais, as diferentes linguagens e formas de dizer construídas nessa língua em contextos informais dão corpo a uma composição de saberes. Esses conhecimentos apropriados por tradutores e intérpretes de Libras podem se configurar como subsídio ao processo de tradução e interpretação na atuação profissional, até mesmo diante de situações imprevisíveis.

Desse modo, compreende-se o processo formativo a partir de trocas linguísticas com surdos fluentes como de extrema relevância para profissionais atuantes e para quem está se inserindo na área, dado que a interação com falantes nativos, além da imersão cultural, favorece autonomia nas interações pelo uso da língua que vai ganhando mais sentido (NASCIMENTO; BEZERRA, 2012),.

A troca linguística do tradutor e intérprete de Libras com surdos fluentes amplia o repertório de vocabulário e as possibilidades de uso de diferentes linguagens na língua de sinais. Essas experiências tornam-se recursos linguísticos e culturais que são acessados numa produção posterior que pode ocorrer, inclusive, num contexto formal.

O fator de interação com a comunidade surda, conforme já sinalizado por Martins (2009), é um dos elementos que está associado à trajetória formativa do profissional favorecendo a formação. E as narrativas dos sujeitos confirmam que “o intérprete vem retirando do aprendizado da língua de sinais, pela convivência com pessoas surdas, elementos necessários e fundamentais à sua atuação” (MARTINS, 2009, p. 53).

A imersão nas práticas sociais e culturais favorecida pelo encontro e diálogo com sujeitos surdos com amplo domínio da língua de sinais diz respeito a um processo formativo associado à formação comunitária, a qual se realiza de modo não formal do ponto de vista institucional, mas potencial do ponto de vista profissional, considerando o que é proporcionado pelo intercâmbio linguístico.

A formação comunitária possível a partir da participação na comunidade surda e das relações estabelecidas com surdos fluentes também ocorre por meio da interação com pares tradutores e intérpretes de Libras, o que se configura como outro processo formativo – fato evidenciado na fala de Susi quando menciona sobre a importância de se continuar a aprender e não deixar o conhecimento adormecer, mas estar em conversa, ou seja, em partilha com outros profissionais nas situações.

Alberto também traz informações inerentes a esse processo formativo, e ao mencionar a troca com pares diz que

[...]isso é um processo de formação também, as trocas entre quem tem mais experiência, quem tem menos em dados contextos. As experiências são relativas, posso ter experiência mais numa área, você em outra, e nessa área que eu tenho mais experiência eu posso te ajudar, e na outra você me ajuda. Isso é formação mesmo que não seja somente sinais, mesmo que seja uma conversa sobre tal assunto. [...] Então eu acho que uma coisa legal de quem está sempre em processo de formação é se inspirar em quem tá a frente, não sei se posso dizer a frente em alguns elementos e buscando esses elementos, da mesma forma você pode ser também pra quem tá começando agora (ALBERTO, MAIO, 2017).

A partir da narrativa de Albertor, visualiza-se o potencial das trocas estabelecidas entre profissionais. Essas trocas se configuram como partilha entre pares e são potenciais para construções na língua de sinais, ampliação de vocabulário, discussão de questões conceituais e demais aspectos inerentes à tradução e interpretação, além de favorecer o reconhecimento de si a partir do outro tradutor e intérprete de Libras como modelo profissional.

Com base no conceito de interposição profissional (NÓVOA, 2009; 2017), assume-se a partilha entre tradutores e intérpretes de Libras como um processo formativo de produção, elaboração e análise linguística, bem como de conhecimento da profissão e da cultura

profissional. Esse processo, também fundamental para a construção da formação profissional, torna-se possível a partir do protagonismo de profissionais tradutores e intérpretes de Libras na formação de seus pares.

Embora a interposição profissional ocorra de formas distintas e em contextos plurais, conforme ver-se-á nas outras modalidades de formação, valoriza-se sua ocorrência na formação comunitária, pois, por meio da partilha na informalidade, não apenas o desenvolvimento individual é favorecido, mas também o de pares tradutores e intérpretes de Libras que reconhecem o potencial do protagonismo do eu-outro na construção da formação profissional.

Nas interações espontâneas, saberes e conhecimentos podem ser mobilizados, ampliados, reorganizados e compartilhados, entre outros, pela reflexão que emerge e é instigada pela troca que, mesmo em situações informais, enriquecem o repertório de profissionais da tradução e interpretação no campo da surdez, atividade reconhecida recentemente e que ainda está em processo de valorização social.

Assim, partilhar pela interposição profissional é um fator fundamental ao tradutor e intérprete de Libras, pois potencializa o corpo de profissionais pelas novas apropriações e construções na língua, bem como pelas práticas sociais, culturais e por outros aspectos que podem emergir das trocas entre pares, contribuindo para o desenvolvimento profissional de si e do outro, o que foi exposto na fala de Alberto.

[...]. Eu lembro bastante assim das pessoas que me ajudaram quando eu tava começando a interpretar e das pessoas que até hoje eu tenho contato que, por exemplo, estudaram comigo, fizeram pós-graduação comigo e a gente mantém contato até hoje. Uma relação não só profissional, mas de amizade também, e colabora, né. (ALBERTO, MAIO, 2017).

Compreende-se que no processo de partilha pela interposição profissional a parceria e a troca são fundamentais para a construção da posição dentro da profissão, pelo reconhecimento pessoal e pela pertença dos profissionais menos e mais experientes que mutuamente se formam.

A partilha é potencial, pois, além da possibilidade de contribuir com aspectos da prática, a relação com outros profissionais pode ser considerada significativa à construção da formação profissional por fatores como o incentivo à realização de cursos, participação em eventos, dicas e outras ideias que podem ser compartilhadas.

Menezes (2014), discorrendo sobre a constituição da identidade profissional na alteridade, ressalta a importância da dimensão social e coletiva tanto para a reflexão quanto

para a ação, logo para a formação, profissionalização e politização do intérprete (MENEZES, 2014).

O tradutor e intérprete de Libras pode lidar com situações que demandam estratégias linguísticas diferenciadas, posturas e conhecimentos específicos. Estes podem ser desenvolvidos ao longo da formação profissional construída, entre outros, a partir da partilha pela troca de experiências, que, somadas a outros fatores, se configuram como subsídio aos processos da tradução e interpretação.

A participação na comunidade, os encontros com surdos fluentes e a partilha com pares tradutores e intérpretes são processos formativos possíveis na formação comunitária, os quais emergem e se consolidam nas relações sociais estabelecidas nos espaços informais. As trocas de natureza informal, tanto com surdos quanto com pares, são formativas e geram impactos positivos no saber e no fazer profissional. Nas palavras de André,

Então é isso que eu to aprendendo – pouco a pouco, e é na aprendizagem também, a gente aprende com todo mundo. Cada um tem seu jeito, cada um interpreta de um jeito. Então a gente aprende com cada um, [...] e é assim onde a gente tem cada experiência num lugar diferente, a gente aprende muito também com isso. E a diferença, acho que, assim, a gente passa, a gente pega, né. Tem várias experiências assim que a gente passou, na família, nos lugares que a gente encontra algum surdo (ANDRÉ, JULHO, 2017).

Os encontros informais, portanto, são lócus de aprendizagem da língua de sinais, das formas de dizer e, portanto, de aspectos culturais relacionados, permitindo ao tradutor e intérprete de Libras apropriar-se de elementos significativos para a atuação e construção da formação profissional. Destaca-se, nas palavras de Alberto,

[...] eu sempre falo que o intérprete ele tem que ser um bom interpretador das coisas. Se ele for um bom interpretador ele vai ser um bom intérprete. Ele tem que entender, ser um bom entendedor e capturar as coisas. Tem um amigo meu que fala que a gente tem que ter antena pras coisas, ali tem um surdo sinalizando, ele faz um sinal é hora de eu pegar ele. Pegar o sinal, gravar isso, porque uma hora ou outra isso vai fazer toda a diferença na interpretação (ALBERTO, MAIO, 2017).

Valorizar as trocas e reconhecer que o conhecimento pode ser apropriado a partir de situações informais, não necessariamente organizadas para isso, diz respeito à uma percepção crítica do profissional tradutor e intérprete de Libras que percebe seu desenvolvimento por meio de processos formativos distintos, os quais favorecem sua composição de saberes e conhecimentos relacionados ao fazer, além de constituírem sua formação e desenvolvimento profissional.

A composição de saberes e conhecimentos possível de ser construída na formação comunitária se amplia pela reflexão que emerge do encontro, da troca, da partilha e também da possibilidade de autoavaliação de uso da língua e de outras questões que nessa modalidade de formação podem emergir.

Esses fatores, inerentes e relacionados ao traduzir e interpretar, podem instigar tradutores e intérpretes de Libras que, pela disposição pessoal, buscam ampliar a formação profissional, por exemplo, a partir da formação sistematizada. Essa modalidade de formação pode perpassar ou mesmo dar início à trajetória formativa do profissional, e a atuação, pela complexidade da atividade, demanda um saber fazer que transcende o conhecimento prático da língua de sinais.

## **4.2 Formação Sistematizada**

A formação sistematizada corresponde à modalidade de formação que ocorre nos espaços formais em distintos níveis formativos sob uma estrutura organizada para sua realização. Trata-se de um processo intencional, formal, elaborado e efetivado pela oferta de cursos e eventos que viabiliza a formação e capacitação do tradutor e intérprete de Libras.

Na formação sistematizada, o entendimento de questões inerentes à atuação é viabilizado pela produção e compartilhamento de saberes da profissão. Construídos e reproduzidos em contexto formal, subsidiam a construção de outros conhecimentos que podem ser apropriados e ampliados pelo saber científico específico e/ou relacionado ao exercício profissional.

Podendo ser inicial e continuada, no Brasil, a formação sistematizada institucional, relativamente recente na área da tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa, pode se efetivar por meio de cursos de graduação (a distância e presencial), de cursos tecnológicos, pós-graduação (a distância e presencial), sequenciais e de atualização. Essa modalidade formativa ocorre também a partir de oficinas e cursos livres.

Entende-se que é fundamental, conforme aponta Jordão (2013), que se tenha apoio governamental para a formação profissional do tradutor e intérprete de Libras, e isso pode ocorrer a partir de diferentes ações ou mesmo modalidades e níveis como determina o Decreto nº 5.626 de 2005.

O Plano Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência - Plano Viver sem Limite - instituído pelo Decreto nº 7.612 de 2011 (BRASIL, 2011) – prevê a criação de cursos superiores para a formação desse profissional, o que normatiza esse campo em ascensão

(MARTINS; NASCIMENTO, 2015). Com relação aos eventos nessa área, nota-se uma crescente projeção no país em instituições de ensino superior públicas e privadas.

A título de ilustração, destaca-se o Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, um evento que, desde 2008, em discussão sobre diferentes temáticas, confere amplitude à área (RODRIGUES, 2013). Conforme apontam Rodrigues e Beer (2015), os estudos da tradução e interpretação da língua de sinais têm se evidenciado e estabelecido no país a partir da produção científica desse campo do saber no contexto da academia.

Um dos mecanismos de reunião, visibilidade e promoção de pesquisa são, sem dúvida, os eventos acadêmicos. É possível afirmar que, até o ano de 2008, as pesquisas sobre a tradução e a interpretação de línguas de sinais estavam fragmentadas em diversos congressos, simpósios, encontros e reuniões da Educação, da Linguística e dos ET, por exemplo. Entretanto, com o I Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, em outubro de 2008, essas pesquisas passaram a ganhar um caráter diferenciado e a se fortalecer enquanto campo acadêmico.

É evidente que o Congresso possibilitou o contato e intercâmbio de estudantes, profissionais e pesquisadores, tanto surdos quanto ouvintes, de diversas partes do Brasil e, inclusive, do exterior. Ao congregar pesquisas brasileiras, o evento deu um importante passo em direção à visibilidade dos ETILS no Brasil. Os Congressos seguintes prosseguiram com o movimento de afirmação, consolidação e fortalecimento da área, assim como a difusão das investigações realizadas pelos pesquisadores da área de interpretação e de tradução de línguas de sinais (RODRIGUES; BEER, 2015, p. 38).

Compreende-se que esse movimento de abertura no espaço acadêmico, seja em cursos ou eventos, acompanha e decorre das ações e políticas em prol dos direitos dos surdos e do posicionamento dessa comunidade para o exercício de cidadania. À medida que os diferentes contextos são por eles frequentados, de menor ou maior nível de complexidade, faz-se necessária a atuação de profissionais que atendam e contemplem realidades plurais.

A formação de TILS suscita contínua atenção aos níveis de participação da comunidade surda na sociedade em geral, já que seu envolvimento em diferentes práticas sociais (eventos científicos, jogos olímpicos, ações junto ao poder legislativo, frequentar diversos níveis de ensino em diferentes campos do conhecimento) implica demandas mais complexas, exigindo consequente refinamento da atuação do intérprete. Dependendo de seu nível de participação social, a comunidade surda atentará para aspectos da formação dos intérpretes, buscando profissionais cada vez mais competentes [...] (LACERDA, 2010, p. 140).

A atuação, ganhando abertura em novos espaços ao longo da trajetória histórica, pressupõe uma constituição profissional que busque conhecimento e comprometimento com o todo que a potencializa. É nesse percurso que “a formação profissional é um fato que sem

dúvida fornece subsídios para a atuação do tradutor/intérprete, e que legitima a sua prática, assim como qualquer profissão” (SANTOS, 2010, p. 158).

A formação sistematizada institucionalizada ocorre de maneira organizada para a profissionalização. Nóvoa (1999), discutindo a formação para a docência, apresenta o potencial dessa modalidade que produz e reproduz saberes e normas relacionados à profissão “desempenhando um papel crucial na elaboração dos conhecimentos pedagógicos e de uma ideologia comum” (p. 18).

Como discutido na teoria novoiana sobre a composição pedagógica, no caso do tradutor e intérprete de Libras, a composição de saberes do profissional passa a ser constituída também pelo conhecimento sistematizado, histórico e técnico, que sob rigor científico, é organizado e elaborado no campo da tradução e interpretação. Distante de ser suficiente, tal composição se complementa pelo conhecimento profissional construído e elaborado na formação que ocorre no bojo da profissão.

Infere-se que, por ser uma modalidade de formação que se fundamenta em saberes e conhecimentos produzidos e reproduzidos nessa área do saber, e que com outras áreas pode estabelecer interfaces, processos formativos ímpares e plurais são conferidos ao desenvolvimento profissional, os quais podem (re) orientar a perspectiva do tradutor e intérprete de Libras acerca da atividade que realiza e do campo de atuação cada vez mais amplo.

A partir das ponderações de Santos (2010), é válido destacar que no percurso da constituição dessa profissão, a “formação profissional de ILS e a consolidação no meio acadêmico contribuem significativamente para afirmar o espaço da tradução/interpretação de língua de sinais no ensino superior, e a partir desta medida, desdobramentos para outros contextos” (p. 160).

A formação e a cultura profissional podem ser construídas e compartilhadas na formação sistematizada, como na formação comunitária. Todavia, nesse lócus formal, pela intencionalidade formativa, bem como pelo caráter teórico e técnico, pressupõe-se outro patamar de profissionalização e qualificação. Ressalta-se também que, além de cultural e social, essa formação favorece o perfil profissional do tradutor e intérprete de Libras.

Entende-se que a formação sistematizada em diferentes níveis pode configurar-se como início da trajetória formativa de profissionais tradutores e intérpretes de Libras, principalmente, no momento atual, mas também pode perpassar a trajetória de tradutores e intérpretes já atuantes. De todo modo, ter a oportunidade de adentrar no campo, no sentido de

entrar e/ou aprofundar-se a partir de uma estrutura de formação profissional acadêmica institucionalizada, representa uma oportunidade singular.

A inserção de Susi no campo da surdez se deu a partir de uma experiência de formação sistematizada pela realização de um curso superior (tecnólogo em tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa).

A minha formação na época [...] eu não conhecia o campo da surdez, eu não conhecia surdos [...] Era um curso tecnólogo de 2 anos [...] Prestei vestibular e já passei, estava na sala de aula. E aí sabe quando sua mente abre, coisas que você não via começa a ver, eu comecei a descobrir um outro mundo com a questão da surdez. Mas mesmo assim eu ainda não tinha percebido o nível, a complexidade que era essa questão dessa formação, da área que eu estava me inserindo (SUSI, MAIO, 2017).

A atividade do tradutor e intérprete de Libras é considerada de grande complexidade (PERLIN, 2006), pois, entre outros, “envolve línguas de modalidades diferentes, fator que aponta para a necessidade de uma formação específica que envolva abordagens linguísticas, enunciativas e discursivas, bem como cultural e tradutória de sua atuação” (NASCIMENTO, 2012, p. 59).

Considerando que, além das questões relacionadas às línguas, outros aspectos devem ser abordados, destaca-se, com base em Almeida e Lodi (2014), que refletem sobre a formação desse profissional, a importância de se favorecer a prática, a produção de sentidos e a reflexão teórica sobre a atividade nas propostas de formação. Compreende-se, segundo as autoras, a importância da relação teoria e prática que contempla as línguas, suas linguagens e seus sentidos. Conforme se vê

Nesta relação entre teoria e prática, defendemos o desenvolvimento de práticas que possibilitem aos alunos a vivência nas línguas, em situações simuladas e/ou reais de interpretação, para que a partir delas, muitos aspectos descritos anteriormente possam ser abordados e, gradualmente, apropriados pelos alunos. Desta forma, eles participam ativamente de seu próprio processo de formação, de construção conjunta de sentidos entre discursos em duas línguas, dando-lhes segurança para assumir o mercado profissional futuramente (ALMEIDA; LODI, 2014, p. 114).

A segurança para atuar enquanto profissional tradutor e intérprete de Libras, a partir de uma experiência de formação específica, é reconhecida por Alberto. Formado em outra área do saber e tendo realizado cursos livres de Libras do básico ao avançado na associação, contexto em que se constituiu inicialmente, a partir de um curso de pós-graduação em tradução e interpretação Libras/língua Portuguesa passou a entender as questões relacionadas à atividade que começou a exercer profissionalmente.

Em sua narrativa abaixo, observa-se sua concepção sobre o início do aprendizado na área da tradução interpretação.

Comecei aprendendo a língua de sinais em 2009, acho que o primeiro processo de formação é quando começa aprender língua de sinais, comecei aprendendo lá na associação de surdos [...] Passei praticamente quatro anos ali estudando na associação, então eu repeti todos os cursos básicos, intermediário e avançado (ALBERTO, MAIO, 2017)

Almeida e Lodi (2014) destacam que conhecer e ter fluência na língua de sinais corresponde a um saber específico fundamental ao tradutor e intérprete de Libras, mas insuficiente, dado que a dimensão da atividade envolve não apenas o uso das línguas, no caso Libras e Língua Portuguesa, como também suas diferentes linguagens e sentidos.

A partir de seus saberes iniciais, Alberto atuava em contextos informais fazendo o que podia para prestar assistência. Diante de uma oportunidade no mercado de trabalho, ainda em constituição, exigindo uma formação prévia, a partir de uma disposição pessoal teve motivação para a busca da formação sistematizada específica, pois sentiu a necessidade de se profissionalizar para adentrar uma prática formal de atuação.

[...] na época eu estava sem trabalho, eu tinha saído da indústria. Foi uma oportunidade que abriu [...] fui trabalhar nesses dois lugares. Foi aí que eu tive algumas dificuldades em sala de aula[...] Que ambos os trabalhos eram em contextos educacionais, um no ensino superior e outro no ensino técnico, e tive algumas dificuldades ali de acompanhar a dinâmica das aulas, eu não sabia como fazer a interpretação de Libras pra Português porque até então eu tinha muito exercício de português pra Libras. [...]Na associação eu fazia mediação para os surdos e fazia aquela fala bem enxuta e à medida, como eu entrei numa sala de aula pra ser intérprete, pra fazer ali a mediação, e do ponto de vista da instituição, eu comecei a sentir algumas dificuldade e ter algumas carências, aí foi aí que eu fui buscar formação formal (ALBERTO, MAIO, 2017).

Diante da falta de profissionais no mercado com qualificação profissional para atuar na área, tradutores e intérpretes de Libras vão se constituindo de formas distintas a partir de suas vivências. Esse fato também pode ocorrer, evidentemente, com os profissionais que já se inserem no campo a partir de uma formação específica ou por aqueles que se inserem no campo da surdez pelo contato com surdos, pela participação na comunidade e mesmo pela parceria estabelecida com outros ouvintes que nesse contexto também passam a adentrar.

Nota-se, na narrativa de Alberto, que ele passa a reconhecer carências para realizar a tradução e interpretação no contexto educacional em que começou a atuar profissionalmente. Trata-se da necessidade de amplitude pelo reconhecimento de si no tocante à atuação, o que corrobora Jordão (2013), afirmando que o uso e o conhecimento da língua de sinais diferem-

se para quem assume a interação no dia a dia e para quem realiza a atividade enquanto profissional tradutor e intérprete de Libras.

Russo (2009) salienta a condição reconhecida pelo tradutor e intérprete de ser ou estar limitado em relação ao domínio linguístico e ao fazer interpretar. Alberto, a partir desse reconhecimento, valorizou a necessidade de ampliar sua condição profissional a partir da realização de um curso de pós-graduação em tradução e interpretação Libras/Português.

Foi o que me trouxe o ensino formal da interpretação, foi na pós graduação e foi de lá, a partir de lá que eu comecei a entender qual que era o posicionamento que eu tinha que ter em algumas situações de sala de aula, em situações de interpretação em relação a algumas escolhas que eu fazia, em relação a algumas posturas que eu tinha que ter mediante a algumas situações que já eram conhecidas, mas que pra mim não eram, como, por exemplo, quando um professor pedia pra corrigir a prova do aluno surdo, eu não tinha noção nenhuma até eu discutir sobre isso num processo de formação na pós graduação (ALBERTO, MAIO, 2017).

A complexidade da área passou a ser percebida e redimensionada por Alberto a partir de sua atuação enquanto profissional no contexto educacional, campo de atuação que tem suas especificidades. Conforme Alberto, para posicionar-se de modo profissional, passar pelo processo da formação específica foi fundamental.

Nas palavras de Gesser (2011),

É muito possível que não saibamos dos nossos deveres na profissão escolhida, mas é durante a formação acadêmica e o contato com profissionais da mesma área que saberemos se nos encaixamos no perfil e/ou exigências da profissão. É na formação, portanto, que aprendemos as competências e habilidades do que queremos ser, mas há que se considerar também a reflexão sobre as regras morais e éticas, antes mesmo do início das nossas práticas formais ou informais (GESSER 2011, p. 12 e 13).

Os cursos de especialização nessa área surgem da necessidade de atender a formação emergencial de tradutores e intérpretes de Libras no país. A trajetória histórica desse profissional revela a falta de formação acadêmica e a necessidade de certificação, fazendo com que cursos de pós-graduação nesse nível configurem-se como um lócus promissor de formação profissional inicial e continuada, principalmente, se a proposta se fundamentar numa perspectiva discursiva, contemplando uma formação para atuação em diferentes esferas (NASCIMENTO, 2016).

Compreende-se que pela inserção no contexto acadêmico, Alberto teve a possibilidade de ampliar sua percepção sobre a profissão, compreender com mais clareza suas atribuições, além de construir subsídios para realizar seu exercício profissional e ter condições para

realizar o que Nascimento (2011) denomina de reflexão metalinguística sobre a prática que passa a ser embasada teoricamente.

Desse modo, as potencialidades se ampliam a partir de processos formativos sistematizados e específicos, como foi o caso de Alberto na realização do curso de pós-graduação em tradução e interpretação Libras/língua portuguesa. Por meio dessa experiência, o olhar do tradutor e intérprete de Libras acerca da atividade se desenvolve de modo orientado ao exercício profissional. Nas palavras de Alberto,

Aí depois então que eu comecei a fazer a pós-graduação eu comecei a olhar mais pra interpretação de uma forma mais complexa. Porque até então parecia ser fácil porque eu não sabia dos riscos que eu tava correndo (risos), aí depois que eu comecei a entender e vi que o negócio era bem mais complicado (ALBERTO, MAIO, 2017).

A formação sistematizada, além da produção e reprodução de saberes e conhecimentos específicos e relacionados à tradução e interpretação, também viabiliza o contato com professores e profissionais mais experientes, os quais podem servir de modelo e inspiração profissional. Nesse contexto, além da partilha com profissionais mais experientes sob o rigor técnico e científico que compete à modalidade, há trocas entre pares, assim a interposição profissional ocorre em diferentes níveis.

Até teve, foi um pouco antes da pós-graduação, foi em 2013 que eu fiz o meu primeiro curso fora da associação. Comecei em 2009 na associação todos os cursos que eu fiz de Libras [...], mas em 2013 foi a primeira vez que eu sai [...] pra fazer um curso [...] foi a primeira vez que eu vi duas intérpretes que atuavam em outros contextos que eu não conhecia, como o contexto de conferência. Porque até então eu não conhecia nenhum intérprete que atuava em contexto de conferência. Foi aí que eu conheci as meninas, foi que eu comecei a entender algumas coisas que me inspiraram depois a aceitar o trabalho [...] Foi, eu acho, um momento que eu amadureci, foi conhecer elas, saber que existiam coisas que eu nunca tinha ouvido falar: intérprete em teatro, intérprete em contexto de conferência, nunca tinha visto um monte de coisa que elas apresentaram no curso (ALBERTO, MAIO, 2017).

Conforme Alberto compartilhou ao longo da entrevista, sua formação dependeu do momento em que vivia, e se ampliou ao longo de trajetória, o que mostra que sua formação profissional se construiu de forma plural, multideterminada e continuada. Ainda sobre sua trajetória formativa

Então, esses foram os primeiros cursos. Aí até depois eu fiz, depois de ter conhecido as meninas [...], eu comecei a fazer outras oficinas, que eu nem sei se eu posso chamar de (pausa). Era ensino formal também né, porque eu tava num contexto de aula. É formação. Aí eu fiz algumas oficinas ali de Libras de classificador. Eu comecei fazer também oficinas pra melhorar a questão da língua de sinais, mas

ainda tinha um olhar bem imaturo sobre o que era o processo de tradução até a pós-graduação. Acho que a pós-graduação foi o que me ajudou muito (ALBERTO, MAIO, 2017).

O contexto de formação institucional específica do tradutor e intérprete de Libras pode favorecer a observação intencional do fazer profissional, e por meio de reflexão e análises, que nesse contexto formativo podem ser discutidas numa experiência coletiva e intencionalmente organizada, amplia-se a percepção crítica da profissão e a postura ativa e reflexiva sobre a atividade que exerce.

A construção da formação profissional, vista como um processo contínuo, é assumida a partir da disposição pessoal pela prospecção do fazer a profissão e pelo perfil que se constitui. Susi afirmou que a formação depende de cada um, e mesmo tendo passado por processo de formação inicial específica, percebe questões que a inquietam e a instigam a buscar conhecimento e continuar sua formação, mostrando, como apontam Almeida e Lodi (2014), que a formação inicial não é um fim em si mesma e precisa ter continuidade.

A formação é contínua, mas depende também de cada um, essa coisa de formação mais formal que aí você procura cursos. Eu agora tô passando por um momento de formação mais formal, por conta de que o curso que eu fiz era tecnólogo e preciso de licenciatura, graduação mesmo pra além de ter o conhecimento, ter condições de estudar questões que me inquietam [...] (SUSI, MAIO, 2017).

Compreende-se que a percepção de Susi a impulsionou e a motivou a construir sua formação profissional de forma contínua, a resolver as inquietações e questões provenientes e inerentes à sua prática. Dialoga-se com Nóvoa (2017), entendendo que a disposição pessoal assumida para construir a formação dentro da profissão diz respeito à condição do eu-pessoal no eu-profissional, no sentido de que, para a atuação, se faz necessário se preparar e se construir por meio de um posicionamento que contemple e amplie a formação, dado que o profissional irá atuar a partir do que é, e o que se é está presente no que faz.

Assim, a complexidade da atividade e a dimensão da atuação em níveis mais complexos pressupõem uma formação continuada em modalidades distintas, e mesmo diante da indisponibilidade para a realização de uma formação sistematizada, o profissional não está isento, por maiores que sejam os desafios relacionados.

Hoje vejo desafios diferentes de conciliar a formação junto com a rotina de trabalho [...] nem sempre você consegue buscar a formação formal, porque outras formações elas vão estar sempre acontecendo, eu entendo, mas aquela formal, de sentar em sala de aula e discutir nem sempre é possível, muitas vezes por conta do tempo que a gente não consegue investir [...] muitas vezes a condição financeira pode influenciar, mas não quer dizer que você está isento da participação [...]

É um desafio pra formação formal porque no interior nem sempre a gente tem [...] cursos de formação com uma bagagem [...] que comporte com o nível das pessoas que tem essa necessidade de formação, e a gente acaba indo buscar em outros lugares, né.(ALBERTO, MAIO, 2017)

A oferta de cursos que contemplem o nível de desenvolvimento profissional do tradutor e intérprete de Libras precisa ser suprida, pois, de acordo com Jordão (2013), cursos de formação de curta duração e inconsistentes em relação aos conceitos relacionados à surdez e à prática da tradução e interpretação limitam a atuação profissional.

Aos tradutores e intérpretes de Libras se faz necessária a oferta da formação sistematizada em diferentes regiões do país, sejam cursos, eventos ou mesmo ações que tornem essa modalidade de formação acessível a partir do uso de mídias e tecnologia, dado que estar fora dos grandes centros onde a língua tem maior circulação e os cursos são oferecidos com mais frequência não permite as mesmas oportunidades aos profissionais que estão situados no interior dessas regiões.

Aí teve um curso [...] foi o primeiro curso que eu fiz que era um curso de capacitação de Libras mesmo [...] depois teve um workshop na associação também aonde eu participei[...] quando eu vim pra cá comecei a me interessar [...] eu procuro pegar alguns cursos, quando tem aqui por perto eu vou, mas quando é longe fica um pouco mais complicado pra mim. Mas eu sempre pergunto pra algum intérprete que trabalha comigo e assim a gente relaciona (ANDRÉ, JULHO, 2017)

Por se tratar da constituição de um corpo profissional, pressupondo que o mesmo esteja e seja comprometido com as questões da profissão, do campo de trabalho e sua dimensão, cabe aos idealizadores dos grandes eventos e cursos na área a projeção dessas propostas de capacitação de tradutores e intérpretes de Libras nas diferentes regiões do país, que, por questões de distância ou mesmo pela condição financeira dos profissionais, há restrição na participação presencial. Porém, tendo acesso por meio de recursos midiáticos, por exemplo, podem ser agentes multiplicadores nesse processo de qualificação profissional em atenção às demandas do público com o qual atua.

Visualiza-se, nas narrativas dos sujeitos, a necessidade que sentem de ampliar o que têm construído, e, como destacam, a formação sistematizada confere essa amplitude. Dada a relação teórico-prática e outros aspectos inerentes a essa modalidade, é possível ao profissional a reflexão e análise da atuação, bem como a inserção no campo da tradução e interpretação tendo como base subsídios específicos que permitem conhecer o fazer profissional a ser explorado e investigado.

As experiências formais e informais de formação, os conhecimentos construídos e os saberes partilhados nos processos da formação comunitária e da formação sistematizada têm a possibilidade de serem projetados e ressignificados nas esferas em que os profissionais atuarão, em que, a partir de outras experiências, poderão ampliar a composição de saberes e o desenvolvimento profissional.

Aprender a traduzir e interpretar e a ser tradutor e intérprete de Libras, o que teve e ainda pode ter início antes da realização de cursos sistematizados, podem ser processos que ocorrem ao longo do exercício profissional, e que se reconfiguram e se ampliam quando se reconhece a necessidade e a importância da construção contínua da formação profissional.

#### **4.3 Formação em serviço**

Entende-se formação em serviço como a modalidade que ocorre no espaço de atuação ao longo do exercício profissional. Caracteriza-se pela possibilidade de vivenciar o processo de reflexão orientada e também compartilhada com profissionais em diferentes níveis de experiências, contextos e áreas.

A partir da formação em serviço, pela reflexão sistemática é possível que as formas e estratégias adotadas pelo profissional na atuação sejam ressignificadas ou mesmo reavaliadas, dada a problematização da prática e a busca por novos caminhos para o traduzir e interpretar, o que aprimora o fazer do tradutor e intérprete de Libras.

Essa modalidade de formação é potencial para a atualização e domínio de conhecimentos e saberes relacionados à área em que se atua por acontecer num lócus onde, além da possibilidade de partilha, a reflexão coexiste de forma orientada, e mesmo que assumida individualmente, além de sistemática pode ser coparticipada (MILL; SILVA, 2012; NÓVOA, 2009, 2017).

De acordo com Mill e Silva (2012), a formação em exercício, o que neste estudo se denomina formação em serviço, se realiza concomitante à atuação e favorece aprimoramento, atualização e domínio do profissional. Compreende-se que a modalidade de formação em serviço pode ser praticada em diferentes contextos de atuação e profissão, contemplando sujeitos e situações específicas. Para essa análise, faz-se referência à formação em serviço do tradutor e intérprete de Libras a partir do contexto educacional, lócus de oportunidade de trabalho e de formação em que os sujeitos da pesquisa estavam inseridos na ocasião da entrevista.

O contexto educacional é a subárea “que mais empregos formais oportuniza para os ILS” (PEREIRA, 2015, p. 60), além de ser nesse âmbito que emergem os primeiros estudos da tradução e interpretação da língua de sinais (SANTOS, 2006; 2010). A primeira oportunidade de atuação de Susi como tradutora e intérprete de Libras foi uma experiência em contexto escolar sob condições que subsidiaram seu fazer e formação profissional.

Concomitantemente à realização do curso superior tecnólogo em tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa, antes da conclusão dessa formação específica, passou a vivenciar a prática a partir de sua inserção profissional no contexto educacional, uma experiência que permitiu sua formação além do âmbito acadêmico, mas uma formação ocorrendo ao longo da atuação na profissão.

E aí um pouco antes da formação tive a oportunidade de trabalhar com a equipe da escola bilíngue [...] e aí foi que eu comecei a ter esse paralelo, tanto dessa formação e prática, porque antes eu não tinha prática[...] eu acho que a minha formação [...], esse curso é bem abrangente, então a formação não era específica, intérprete educacional, intérprete de conferência, quinhentas áreas. Era um geralzão e por meio dessa experiência na escola me direcionou a um olhar mais escolar[...] (SUSI, MAIO, 2017).

Ainda em período de realização do curso superior específico em tradução e interpretação Libras/língua Portuguesa, Susi começou a trabalhar numa escola bilíngue no interior do estado de São Paulo, onde junto à equipe de profissionais de um projeto bilíngue teve a oportunidade de relacionar teoria e prática.

Isso era uma formação, a assessoria era, se não me engano, uma vez por mês, duas. Eram assessorias que a gente tinha necessidade de fazer relatório da nossa própria prática, da forma como a gente se sentia a vontade. Então a gente relatava as nossas experiências, mas nós escolhíamos o que era pertinente. Eu não sei, eu colocava tudo, porque eu não conhecia né, a não ser da formação, eu não tinha essa prática, então eu tentava conversar comigo e com as formadoras pra entender o porque, o que era pertinente fazer. “Oh eu fiz assim, não sei se tá certo”. “Era de acordo com o esperado na área educacional como intérprete”? (SUSI, MAIO, 2017).

A relação teórico-prática que Susi pôde estabelecer em seu trabalho sustentou-se pelo traduzir e interpretar que se construiu na interface com a formação sistematizada e que lhe proporcionou uma base fundamentada para essa experiência. Sua condição de formação também se ampliou no exercício profissional em decorrência da assessoria que orientou a prática pela reflexão, a qual transformou a atuação.

Nota-se que ao fazer registro em relatório a partir das inquietações individuais, Susi vivencia a reflexão sobre a tradução e interpretação, processo que ocorre de forma orientada e

coparticipada, no sentido que está em diálogo consigo e com as formadoras do projeto, tendo a possibilidade de ressignificar seu fazer profissional ao longo de sua atuação.

Na formação em serviço é possível que ocorra a troca com os profissionais mais experientes na área ou mesmo com pares em níveis semelhantes de desenvolvimento profissional. De todo modo, a interposição profissional favorece novos modos de conceber a profissão. A ocorrência da assessoria indicada por Susi configura-se como um processo formativo, dado que nos encontros a equipe responsável pelo projeto a orientava a refletir e melhor compreender sua área de atuação. Em relação à formação em serviço do tradutor e intérprete de Libras a partir de um programa inclusive bilíngue, Santos et al. (2016) expõem que

[...] um dos deveres desses profissionais junto à assessoria consistia na elaboração de relatórios mensais, em que expunham acontecimentos em sala de aula, dificuldades em sua atuação, aspectos positivos e negativos de sua interpretação nas diferentes disciplinas, angústias, dúvidas, reflexões. Tratava-se de uma formação continuada que se mostrou bastante positiva, tanto para a assessoria, que pode acompanhar com maior proximidade os trabalhos realizados, como para os intérpretes que puderam refletir sobre sua prática (aspecto fundamental para uma atuação adequada), dialogar com as assessoras, discutir questões pertinentes sobre sua atuação (SANTOS, et al, 2016, p. 158).

A preocupação de Susi sobre a forma como conduzia a prática, isto é, se estava dentro do esperado na área educacional, deu margem para a questão da ética profissional, no sentido de refletir se o modo de traduzir e interpretar que realizava mostrava-se adequado ou não, assumindo uma postura comprometida, o que é extremamente relevante, pois “ao aceitarmos um trabalho ou emprego, precisaremos saber o que esperam de nós para o desempenho das atividades: o que e como fazer deve estar claro para o profissional, assim ele pode realizar sua função com mais tranquilidade [...]” (GESSER, 2011, p. 13).

A reflexão orientada e coparticipada do tradutor e intérprete de Libras sobre a atuação propicia que novas formas de atuar sejam construídas e produzidas. Sob uma percepção crítica, a ocorrência da reflexão criteriosa e sistemática na formação em serviço pode apresentar resultados bastante significativos do ponto de vista de uma aprendizagem dialogada com profissionais mais experientes.

Nessa escola tinha as práticas desses relatórios, dessas conversas. Elas vinham, depois de a gente enviar os relatórios, elas vinham na escola, conversavam: - Por que que você fez isso? Por que você achou pertinente isso? Por que essa estratégia? Então tinha essa formação continuada com a gente todo o projeto, todo o processo. Com todos os anos, com todos os profissionais da escola do projeto bilíngue: os intérpretes, as professoras bilíngues e os instrutores surdos. Então eles também tinham um trabalho com os professores ouvintes. Então eu acho que a formação foi

ininterrupta, foi realmente continuada em todos os sentidos porque a gente conseguia casar isso (SUSI, MAIO, 2017)

A troca com os profissionais que atuam comprometidos com a formação mútua propicia também, além da dimensão da profissão, as análises metalinguísticas e metacognitivas, que, pelo processo de reflexão sistemática e orientada, transformam a prática em conhecimento (ALMEID; LODI, 2014).

A experiência de formação em serviço também é realidade na construção da formação profissional de André, que iniciou sua atuação enquanto tradutor e intérprete de Libras no Ensino Superior. Nesse contexto, onde passa a atuar profissionalmente, começou a ter outra dimensão daquilo que para ele era natural, ou seja, percebido apenas como forma de ajudar, prestar assistência na comunidade. O processo de construção de sua formação, já iniciado, evidentemente, na formação comunitária, foi tomando outros rumos a partir de sua experiência em atividades mais formais, ou seja, na formação em serviço.

Atuando posteriormente num contexto educacional bilíngue, vivenciou a experiência da formação em serviço com profissionais surdos e ouvintes, professores e pares tradutores e intérpretes de Libras, o que, segundo ele, viabilizou mais experiência em relação aos conteúdos, aos temas específicos e à elaboração de material didático. André afirma que

A gente participa de uma formação também [...]. Isso eu vejo muito importante pra gente que é intérprete porque, querendo ou não, a gente acaba sabendo como lidar com as situações. Algumas dicas, orientação do que a gente tá fazendo, né, e a gente aprendeu muito com isso [...]e isso pra gente tá adquirindo mais experiência né o próprio conteúdo, as vezes eles dão um tema pra gente trabalhar literatura, fazer material didático [...]A gente explica a nossa situação do dia a dia, eles nos orientam, então tem várias formas que a gente acaba assim aprendendo um pouco mais. e aí a gente para pra pensar[...] (ANDRÉ, JULHO, 2017).

A partir das falas dos participantes desta pesquisa, compreende-se que a reflexão sobre a atuação se configura como uma prática extremamente significativa. A reflexão viabiliza a compreensão do exercício profissional e reconfigura a concepção acerca da própria profissão. A formação em serviço mostra-se relevante pela possibilidade que o tradutor e intérprete de Libras tem de refletir, e pelas trocas que pode estabelecer com os profissionais com quem atua nesse contexto apropriado para a construção de saberes acerca do exercício profissional.

Compreende-se que, por meio de diferentes ferramentas e práticas, como a elaboração de relatório e pesquisa, para que lacunas sejam preenchidas, a prática é transformada em conhecimento que a transforma, dado que por ser problematizado e sustentada pela reflexão,

resulta no levantamento de alternativas e resolução das implicações e questões percebidas na tradução e interpretação.

Como uma importante ferramenta da formação em serviço, o relatório, enquanto um registro escrito de reflexão, quando associado à pesquisa, propicia que os conhecimentos e saberes sejam mobilizados e reorganizados, uma prática relevante à construção da formação profissional que também pode ocorrer no espaço de atuação. O lócus de oportunidade de trabalho é, nesse sentido, espaço para exercício profissional, aprendizagem, formação individual, de pares e da equipe.

A reflexão, enquanto processo formativo, e a produção de registros escritos enquanto ferramenta de formação a serviço do profissional, podem ser adotadas em todo contexto de atuação, como na proposta do projeto bilíngue, que é singular, com benefícios amplos para a educação de surdos e no qual acontecem reuniões e trocas significativas. “Nesses encontros, temas como planejamento de aula e situações interpretativas vividas são partilhados” (GESSER, 2015, p. 543)

Susi, quando indicou a ocorrência do diálogo consigo e com as formadoras do projeto bilíngue na elaboração de relatórios na tentativa de entender o que era preciso fazer, mostrou que a reflexão sobre a prática é um processo formativo de grande relevância. Tal fato também pôde ser verificado na fala de André, que destacou que em seu trabalho teve a necessidade de relatar situações cotidianas, e pelas orientações recebidas disse que aprendeu mais sobre a atuação.

A partir de Machado e Feltes (2015), compreende-se que, na tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa, os aspectos linguísticos, culturais e as escolhas estão relacionados, logo é necessário que se reflita sobre a atividade, principalmente, diante do sentimento de não contemplar a demanda e de se perceber lacunas. Como visto na fala dos sujeitos, na medida em que se inseriam em novos contextos de maior complexidade, se fez necessário subsídio para a atuação. “Nesse cenário, destaca-se a importância dos TILSP estarem em formação continuada, no intuito de aprimorar o ritmo processual cognitivo e contextuais, gerenciando as competências multifacetadas que estão implicadas em diferentes contextos de atuação” (MACHADO; FELTES, p. 247)

Mill e Silva (2012) apontam que a construção da expertise nas diferentes áreas é favorecida, principalmente, pela reflexão sobre a prática. Compreende-se que o exercício reflexivo instiga o profissional à investigação de aspectos que ainda não são conhecidos ou

mesmo não tem domínio, logo, há a consolidação e a reorganização do que se sabe, num processo que se move e se aprofunda, aprimorando as habilidades profissionais.

Assim, a reflexão é constitutiva da formação e da profissão do tradutor e intérprete de Libras, e pode ser desenvolvida a partir de práticas e situações com elaboração de relatório e discussões que demandam uma reflexão sistemática do ponto de vista teórico e analítico. O exercício da reflexão permeia aspectos que influenciam na formação profissional. Destaca-se ainda que

Qualquer pessoa, trabalhando ou não, pode saber se segue princípios éticos através da incorporação do hábito da reflexão. Quando pensamos sobre as nossas ações, temos mais consciências sobre nós mesmos, isto é, sobre nossas limitações, qualidades e fraquezas (GESSER, 2011, p. 13).

Dialogando com Nóvoa (2009), em relação à reflexão sobre a prática e com base nos aspectos que influenciam a formação profissional, o tradutor e intérprete de Libras, pela referência sistemática, investiga questões da atuação e busca por respostas para encontrar sua resolução, mobilizando conhecimentos teóricos a partir da análise que realiza e construindo saberes mais amplos.

Nesse processo, há um investimento no saber e na prática do tradutor e intérprete de Libras que são reelaborados teoricamente. A reflexão favorece também a construção de conhecimentos para responder às inquietações que advêm da tradução e interpretação e faz surgir novos modos de conceber a condição de formação em sua dimensão de responsabilidade, não apenas profissional, mas social e pessoal da profissão.

Ao se pensar e defender a identidade e o fazer educacional do intérprete, a premissa é que o trabalho deve ser em equipe, isto é, em colaboração entre intérprete e professores: há que se planejar as aulas, conversar sobre os modos pedagógicos acessíveis para se ensinar o surdo, dialogar sobre as estratégias de ensino, selecionar materiais e suportes didáticos apropriados (GESSER, 2015, p. 53).

Para Susi, que também tem experiência no contexto universitário, sua formação ocorre em seu ambiente de trabalho, processo que se amplia pelos conteúdos que são estudados previamente de modo individual e em parceria com o professor da disciplina, experiência significativa, como a ocorrida no projeto bilíngue com as formadoras no início de sua carreira profissional.

A formação continuada acontece também no ensino superior por quê? Eu tô interpretando a disciplina de um professor de linguística e como eu interpretei no primeiro semestre e fui estudando com o professor, é uma relação, aquela prática que eu tinha na escola no ensino fundamental, a formação com as professoras do projeto, aquela importância de você criar um vínculo, coleguismo com o professor

que aí isso melhora a qualidade tanto da interpretação quanto da compreensão desse aluno para o que tá sendo dito [...]

E fora a liberdade na sala de aula. Então essa formação continuada se estende também pra sala de aula porque às vezes eles citam exemplo que eu: uhm e agora, aí eu paro, ele me explica e aí eu interpreto para o aluno ou, como ele sabe libras, às vezes eu paro, o aluno faz pergunta aí ele explica em Libras também, tem esse tempo, tem esse feeling que aí depende de cada professor, depende da proximidade e quão a vontade o professor se sente com o intérprete (SUSI, MAIO, 2017).

Destaca-se que a troca no estudo em parceria com o professor, ou seja, a partilha com esse profissional, além de melhorar a qualidade da interpretação, projeta-se na compreensão do aluno, e a formação continuada também se realiza nessa prática. Na troca com o professor sobre o conteúdo, existe a possibilidade de ampliação de vocabulário e de aprendizado, sendo um processo formativo contínuo e que, certamente, contribui para o desenvolvimento profissional.

O contexto escolar demanda aspectos específicos, sendo que o tradutor e intérprete de Libras que atua nesse âmbito precisa desenvolver “enquanto profissional, uma atuação comprometida com o processo de aprendizagem do aluno surdo a partir de um fazer com características específicas, fazendo uso de uma linguagem também própria” (GESSER, 2015), o que exige uma atuação bem criteriosa.

De acordo com Santos e Lacerda (2015), a dimensão da tradução e interpretação da Libras no espaço escolar,

Com relação ao trabalho em sala de aula, ressalta-se que este envolve linguagem, escolhas por parte do IE, reflexão, relações sociais com diferentes sujeitos, e participação no processo de ensino e aprendizagem. Para além da tarefa de transposição de uma língua à outra, a atuação do IE abarca a construção de enunciados e sentidos presentes na mensagem enunciada pelo(s) outro(s), respeitando-se os conteúdos e gêneros discursivos em questão, além de abranger diversas áreas de conhecimento (SANTOS; LACERDA, 2015, p. 512).

Nesse contexto, dada a multiplicidade de aspectos relacionados ao processo de ensino aprendizagem no qual o tradutor e intérprete de Libras atua é fundamental a “compreensão de enunciados, discussão de temas, aquisição de vocabulário e de conceitos, atividades de leitura e escrita, exercícios de fixação, explicação de fórmulas e resolução de problemas, revisão de conteúdo, correção, tira-dúvidas etc.” (GESSER, 2015, p. 540).

Assim, seu trabalho nesse espaço não pode se concretizar de modo isolado, mas para a atuação do intérprete no contexto educacional é fundamental a parceria com o professor, uma vez que não atua individualmente para a conversão de conteúdo, mas em coautoria com o professor. O trabalho precisa atender o processo de ensino e aprendizagem a partir de

reflexões que emergem dessa parceria, as quais reorientam os aspectos metodológicos adotados no processo educacional e as estratégias utilizadas na interpretação (SANTOS; LACERDA, 2015).

Assim, a própria relação necessária ao tradutor e intérprete de Libras que atua com o professor de sala de aula e demais agentes atuantes na escolaridade de alunos surdos pode ser compreendida como constitutiva da formação profissional, tanto ao contribuir e refletir um fazer pedagógico específico para os alunos surdos quanto pela reflexão e pesquisa necessária para a consolidação da atividade.

Às vezes, primeiro eu consulto os colegas que trabalho, eles sabendo já ali a gente discute um pouco o que a gente pode fazer, o que a gente pode combinar. Porque tem uma intérprete que ela ficou o ano passado e teve essa matéria, esse conteúdo, então ela já passou um pouco pra mim o que podia estar me ajudando (ANDRE, JULHO, 2017).

Na oportunidade de atuar com pares, o trabalho do tradutor e intérprete de Libras pode ser ainda melhor desenvolvido, dado o potencial das trocas sobre os aspectos relacionados à tradução e interpretação, e mesmo na ocorrência de uma atuação individual, o trabalho também precisa ser refletido com a equipe com a qual atua.

A relação entre pares favorece trocas sobre os modos de construção na língua, e a reflexão conjunta favorece novas formas de delinear ações de inclusão de surdos, o que se mostra fundamental e necessário à prática e aos contextos e sujeitos com quem e para quem se atua, além do próprio desenvolvimento do tradutor e intérprete de Libras.

É nesse sentido que o espaço de atuação é também um espaço de formação, no qual é possível a reflexão sobre a postura profissional, sobre a prática e suas implicações. Essa relação reflexão-prática-atuação, que não é linear, confere qualidade à tradução e interpretação pela composição de saberes. Nesse contexto, pelas trocas estabelecidas com diferentes profissionais, se torna possível também a compreensão de aspectos relacionados à profissão.

Assim, além da possibilidade de ser orientada por profissionais mais experientes sob uma intencionalidade formativa, a formação em serviço também pode se efetivar pela partilha com pares a partir de necessidades específicas ou situações que impulsionem a formação conjunta do corpo profissional pela interposição com o protagonismo de tradutores e intérpretes de Libras nas novas aquisições de si e de seus pares na busca de contemplar a complexidade da atividade que nas diferentes esferas envolve discursos, conteúdos e relações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações acerca da surdez passam por uma virada conceitual. A condição do surdo, concebido como um sujeito que faz uso de outra língua e não mais como uma pessoa com uma perda, pressupõe a atuação de tradutores e intérpretes de Libras que garantam acessibilidade em diferentes níveis e acompanhem o desenvolvimento social e político na área.

Assim, as representações relacionadas ao tradutor e intérprete de Libras e os modos como estes se representam também se ampliam com o movimento no campo da surdez. Como um recurso humano em potencial para atuar a partir de línguas distintas, deixa de ser visto enquanto aquele que está para prestar assistência, passando a ser representado como um profissional reconhecido do ponto de vista legal e valorizado socialmente.

A percepção crítica mediada pela reflexão sobre a dimensão da atividade impulsiona o posicionamento do tradutor e intérprete de Libras em relação à construção de sua formação profissional. Assumir uma postura em vias de transformação da prática é característico de uma formação contínua, no sentido de que as questões inéditas e imprevisíveis levam o profissional, pela reflexão e pela ação, a buscar novos saberes e ampliar conhecimentos em nome de um fazer consciente.

O estudo revelou que o posicionamento dos tradutores e intérpretes se reconfigurou pelas inquietações e situações que emergiram da prática quando da atuação em contextos formais. Sob uma concepção crítica do fazer profissional, os mesmos não se sujeitaram a se manter nas condições iniciais dada a compreensão do potencial do papel que lhes cabe, o qual assumido com responsabilidade norteia os modos de conceber a condição de si do ponto de vista profissional.

Se na atuação ou diante dela uma percepção crítica da atividade e da própria língua desencadear novos rumos na trajetória formativa, logo o processo está sendo contínuo. Uma postura ética e responsável é fundamental, no sentido de que o fazer profissional transcende o uso de línguas, mas por estas se caracteriza envolto e relacionado a uma multiplicidade de fatores inerentes aos contextos, aos sujeitos, suas línguas e linguagens, bem como aos aspectos que vão sendo reconhecidos na construção da formação profissional e que nela podem ser problematizados continuamente.

Resguarda-se, também, que o fazer profissional projeta marcas de si na atuação, no sentido de que a condição de materializar a prática está atrelada ao que se sabe fazer e ao que se é profissionalmente. Estritamente relacionado com a garantia de direitos do sujeito surdo nas diferentes esferas de atividade humana, uma vez que se constitui a ponte entre surdos e ouvintes nos contextos em sociedade, o trabalho do tradutor e intérprete de Libras pressupõe um fazer atento às questões da surdez pela profissão que assume e pelo compromisso social que lhe compete.

As análises apontaram ainda que o desenvolvimento profissional, o conhecimento, os saberes e as inserções em situações formais de atuação caracterizaram-se como determinantes no reconhecimento da condição profissional, a qual se amplia na continuidade da formação que não é construída na individualidade, mas potencializada nas trocas com pares e profissionais, ou seja, na coletividade.

A ação para si na construção da formação profissional pode ser assumida de forma plural em diferentes situações, e o valor que se atribui aos encontros, sujeitos e experiências (in)formais são determinantes nesse processo, por isso valorizar o que se vive hoje do ponto de vista linguístico e relacional pode fornecer subsídios para o fazer amanhã, o que é fundamental.

Assim, os espaços em que esses profissionais se inserem precisam ser ressignificados, e as trocas estabelecidas em maior ou menor nível de complexidade linguística e social precisam ser reconhecidas como significativas, principalmente, se a partir delas as questões emergentes forem refletidas e partilhadas com pares que compõem um corpo profissional que se legitima e se reconhece como potencial.

Em suma, a formação profissional influencia e também advém de uma criticidade que passa a (re) orientar a busca por processos formativos, os quais podem ser empreendidos e vividos individualmente, bem como partilhados na coletividade. O desenvolvimento profissional pode ser compreendido como uma condição gerada e atualizada na atuação e na formação profissional. Esta última, concebida como plural, é possível por uma construção multideterminada a partir de processos que emergem das experiências em distintas modalidades, como a formação comunitária, a formação sistematizada e a formação em serviço.

Diante dessa reflexão, são apresentados alguns apontamentos com o objetivo de contribuir com a formação do tradutor e intérprete de Libras. A formação comunitária favorece proximidade com as questões da surdez e também viabiliza contato com a

diversidade social de uso da língua de sinais. Nesse sentido, é fundamental que a formação sistematizada institucional favoreça ao tradutor e intérprete de Libras em formação experiências formativas no contato com a comunidade surda e com surdos fluentes.

Na história da constituição dessa profissão, as iniciativas se deram a partir da inserção e atuação na comunidade surda e nos espaços em que ela se manifestava. O protagonismo dessa agência social na formação do tradutor e intérprete de Libras precisa ser reconhecido pelo diferencial que pode proporcionar.

A formação comunitária precisa ser valorizada por tradutores e intérpretes de Libras que, em contato com a comunidade surda e com pares profissionais, participam de ações e estabelecem encontros que sustentam uma profissão que precisa ser assumida e comprometida com as questões que lhe dizem respeito.

Uma transição da visão e da atuação assistencial para uma visão e atuação profissional faz com que atividade se legitime no tradutor e intérprete de Libras. Independentemente do modo como se inicia a trajetória formativa, comunitária ou sistematizada, a relação de si com o fazer caracteriza-se, cada vez mais, sob a ótica de profissão. Assim, outros níveis de desenvolvimento que confirmam uma identidade profissional são almejados para atuação nessa área em expansão, a fim de progredir e aprimorar-se para acompanhar os avanços desse campo.

A atuação do tradutor intérprete de Libras se realiza em contextos que podem ser multidimensionais, envolvendo diferentes interlocutores e situações. Nesse processo é fundamental autonomia tanto para as questões práticas quanto para as questões sociais inerentes. Para tanto, a ação de si para si, no que tange a ampliar conhecimentos e saberes, é uma necessidade, sendo que a busca pela formação e pelo desenvolvimento profissional é fundamental.

As lacunas que emergem das experiências formativas informais, embora estas sejam potenciais, podem ser preenchidas na possibilidade de resignificação da prática pelos saberes sistematizados (re) produzidos nas instâncias formais, como eventos e cursos na área. Os processos formativos da formação sistematizada pela intencionalidade formativa têm condições de favorecer a construção de conhecimentos mais organizados e a consolidação de saberes elaborados.

O conhecimento adquirido à luz da prática na informalidade configura-se como um importante repertório a ser mobilizado e organizado na formação sistematizada, pressupondo-se, para tanto, que seja valorizado na oferta de cursos de formação específica em diferentes

níveis. A formação profissional construída a partir de múltiplas experiências na interface com o rigor científico pode ser ressignificada e embasada por um construto teórico da formação sistematizada.

As ofertas de cursos ou mesmo eventos na área da tradução e interpretação precisam favorecer aos profissionais em formação experiências que os levem a mobilizar e relacionar (se os tem construídos ou mesmo em construção) conhecimentos linguísticos, teóricos, políticos, entre outros, que reconhecidos como complexos passam a ser organizados para sustentar o exercício profissional no amplo campo de atuação.

A formação sistematizada precisa ser assumida por profissionais dispostos a organizarem-se para a participação regular em eventos e cursos na área, dada a possibilidade de atualização e qualificação profissional dessa modalidade formativa que favorece também um espaço de partilha e intercâmbio social e linguístico.

Toda essa dimensão da construção da formação profissional pode ser aplicada, reorganizada e mesmo ampliada a partir da formação em serviço. Essa modalidade que ocorre, por exemplo, em encontros que para esse fim são previstos, favorece amplitude na formação profissional pela adoção de práticas de reflexão orientada por profissionais e compartilhada com pares. Assim, a possibilidade de formação em serviço ou estágio supervisionado é fundamental em proposta de formação específica/sistematizada.

A formação em serviço, quando na possibilidade de orientação por pares mais experientes no campo da tradução e interpretação e também da surdez, pode ser planejada de modo a garantir o exercício da reflexão sistemática do tradutor e intérprete de Libras diante da realidade em que atua, como nos casos dos participantes. Todavia, a formação em serviço também pode ser assumida pelo profissional que, em contato e trocas com os demais participantes do contexto de atuação, organiza o seu fazer a partir das pesquisas necessárias para sustentá-lo.

Em vias de finalizar estas considerações finais, aponta-se que, dado o potencial da mídia na veiculação de saberes, e que a oferta de cursos e eventos na área pode ficar restrita a regiões e localidades que nem todos podem acessar, torna-se fundamental propostas e/ou programa de formação continuada na modalidade a distância e gratuita, bem como a projeção de eventos no campo da surdez e da tradução interpretação, o que pode favorecer o desenvolvimento do corpo profissional e os processos de inclusão do surdo em todo país.

Investigar o desenvolvimento e a construção da formação profissional do tradutor e intérprete de Libras ficou reconhecido como um trabalho que precisa ser aprofundado, dado

que a formação pode ser construída de forma multideterminada. A presente pesquisa buscou analisar experiências consideradas significativas por profissionais que atuam na área, caracterizando seus processos formativos para compreender como pode ser construída a formação profissional. Reconheceu-se que não é possível concluir o tema com este estudo, todavia, as ponderações aqui tecidas podem ser elementos norteadores de novas investigações e reflexões acerca da temática.

Por fim, mas sem esgotar a necessidade de investigação deste tema, assume-se uma concepção de formação de tradutores e intérpretes de Libras construída de maneira plural, ressaltando o valor da formação que advém das experiências práticas e da partilha, do conhecimento embasado pela teoria e compartilhado sistematicamente, bem como da formação que se constrói pela prática da atuação profissional.

A construção da formação profissional é plural e acontece de diferentes formas e modalidades. Quando o tradutor e intérprete de Libras passa por experiências formativas significativas pode transitar da prática da atuação para a práxis da mesma, quando não mais atua sem refletir sobre a atividade que realiza, dada a percepção crítica que desenvolve e que aponta carências que precisam ser supridas na própria construção da formação profissional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, E. B; LODI, A. C. B. Formação de intérpretes de libras – língua portuguesa: reflexões a partir de uma prática formativa. In: ALBRES, N.A.; NEVES, S.L.G. (Orgs.) **Libras em estudo: formação de profissionais**. São Paulo: FENEIS, 2014. 157 p.

BARRETO, E. S. S. Políticas de formação docente para a educação básica no Brasil embates contemporâneos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 62, p. 679-701, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n62/1413-2478-rbedu-20-62-0679.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

BRASIL. **Lei 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais– Libras e dá outras providências. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm)> Acesso em: 08 out. 2015.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**: Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. **Lei 12.319** de 1 de setembro de 2010, que regulamenta a profissão de Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm)> Acesso em: 08 out. 2015.

GESSER, A. **Tradução e Interpretação da Libras II**. Florianópolis, 2011.

\_\_\_\_\_. Interpretar ensinando e ensinar interpretando: posições assumidas no ato interpretativo em contexto de inclusão para surdos. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 78-112, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/21757968.2015v35nesp2p534/30724>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

HYPÓLITO, A.M. Trabalho docente e profissionalização: sonho prometido ou sonho negado? In: VEIGA, I.P.A.; CUNHA, M.I. (Orgs.) **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas: Papyrus, 1999. p.81-100.

JETILS. **O espaço de Atuação do tradutor intérprete de Libras**. 2017, 1h23min29s, sonoro, colorido. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pAVTVnFij6A>>. Acesso em: 15 out. 2016.

JORDÃO, U.V. **O que dizem os intérpretes de Libras do sudeste goiano sobre formação e atuação**. 2013. 86f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

LACERDA, C. B. F. **Pesquisa qualitativa em Educação: focalizando a entrevista como instrumento metodológico**. Relatório. São Carlos, 2003. Relatório apresentado à FAPESP na conclusão do Pós- Doutorado junto ao CNR-Roma/Itália.

LACERDA, C. B. F. **O intérprete de língua Brasileira de Sinais: Investigando Aspectos de sua atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

\_\_\_\_\_. Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. **Cadernos de Educação**, v.36, p.133-153, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1604/1487>>. Acesso em: 02 fev. 2017

LUDKE, M; ANDRE, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

MACHADO, F. M A; FELTES, H. P, M. A interpretação simultânea no contexto político. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 78-112, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/21757968.2015v35nesp2p236>>. Acesso em: 15 fev. 2017

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise dos objetivos e de roteiros. In. Seminário internacional sobre pesquisas e estudos qualitativos, 2004, Bauru. Anais, Bauru: USC, 2004.

MANZINI, E. J. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percurso**, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/18577>. Acesso em: 01 mar. 2018.

MARTINS, D. A. **Trajetórias de formação e condição de trabalho do intérprete de libras em instituições de educação superior**. 2009. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica, Campinas.

MARTIN, V.R.O. Tradutor e intérprete de língua de sinais educacional: desafios da formação. **Belas Infiéis**, v. 5, n. 1, p. 147-163, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/19513/13906>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

\_\_\_\_\_.; NASCIMENTO, V. Da formação comunitária à formação universitária (e vice e versa): novo perfil dos tradutores e intérpretes de língua de sinais no contexto brasileiro. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 78-112, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p78>>. Acesso em: 19 set. 2017.

MASUTTI, M. R; PATERNO, U. **Tradução e interpretação de Libras**. Centro de comunicação e expressão: UFSC, 2011.

MENEZES, A. M. C. **Diálogos com tradutores-intérpretes de língua de sinais**. 2014. 219f. Tese (Doutorado em Educação Especial). Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

MILL, D.; SILVA, A. R. Formação de Professores em serviço/exercício pela modalidade de educação a distância: sobre aproximação teoria-prática ou sobre flexibilidade pedagógica e espaço temporal. In: REALI, A M.M.R; MIZUKAMI, M. G, N. **Desenvolvimento profissional da docência teorias e práticas**. São Carlos: EDUFSCar, 2012. 351p

NASCIMENTO, M. V. B. **Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo**: elementos verbo-visuais na produção de sentidos. 2011. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

NASCIMENTO, M. V. B. Tradutor intérprete de libras/português: Formação política e política de formação. In: ALBRES, N.A; SANTIAGO, V. A. (Orgs.) **Libras em estudo**: tradução interpretação. São Paulo: FENEIS, 2012. 219 p.

\_\_\_\_\_. Dimensão ergo-dialógica do trabalho do tradutor intérprete de Libras/Português: dramáticas do uso de si e debate de normas no ato interpretativo. **RBLA**, v. 14, n. 4, p. 1121-1150, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v14n4/aop6314.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Formação de Intérpretes de Libras e Língua Portuguesa**. 2016. 318f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_.; BEZERRA, T. C. Dupla docência no ensino de língua brasileira de sinais: interação surdo/ouvinte em perspectiva dialógico-polifônica. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)>. Acesso em: 29 ago. 2016.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A (Org.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

\_\_\_\_\_. **Profissão Professor**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Educação e Pesquisa**, v.25, n.1, p.11-20, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v25n1/v25n1a02.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Novas disposições de professores: a escola como lugar de formação. In: II CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DO MARISTA DE SALVADOR, 2003. Bahia. **Adaptação de conferência**, 2003.

\_\_\_\_\_. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. *Revista de Educación*, n.350, 2009. Disponível em: <[http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350\\_09por.pdf](http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. **Formação de professores no século XXI e a perspectiva da educação integral.** 2016a, 1h21m01s, sonoro, colorido. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5ILSaixhT6s>>. Acesso em: 07 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Palestra Antônio Nóvoa no Instituto Singularidade.** 2016b, 01h04min21s, sonoro, colorido. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cspa-nqCF3Y>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. **Desafios do Trabalho e Formação Docentes.** 2017a, 1h17min08s, sonoro, colorido. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sYizAm-j1rM>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. **A escola do futuro e a formação de educadores.** [07 de dezembro, 2017b]. São Paulo: **Centro de Referência em Educação Integral.** Entrevista concedida ao Centro de Referência em Educação Integral.

PEREIRA, M. C. P. Produções acadêmicas sobre Interpretação de Língua de Sinais: dissertações e teses como vestígios históricos. **Cadernos da Tradução**, v.2, n.26, p. 99-117, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/15710>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a tipologia da interpretação de línguas de sinais. **Cadernos da Tradução/UFSC. Cadernos de Tradução**, v.35, n.2, p.46-77, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/21757968.2015v35nesp2p46/3008>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

PERLIN, G. A cultura surda e os intérpretes de Língua de Sinais. **Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p.135-146, 2006. Disponível em: <[www.fae.unicamp.br/etd/viewissue.php?id=2](http://www.fae.unicamp.br/etd/viewissue.php?id=2)>. Acesso em: 18 dez. 2009.

QUADROS, R.M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**/Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília: MEC; SEESP, 2004.

QUADROS, R. M. et al. **Exame Prolibras.** Florianópolis, 2009. 85p.

ROCHA, S. M. O intérprete no livro de correspondências do ines de 1908. **Revista Espaço**, n.46, p. 247-250, 2016. Disponível em <<http://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/339>>. Acesso em 26 set. 2017.

RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais.** 2013. 255f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

\_\_\_\_\_.; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: Novo campo disciplinar emergente? **Cadernos da Tradução**, v.35, n.2, p.17-45, 2015. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/21757968.2015v35nesp2p17/30707>>. Acesso em: 19 mai. 2017.

RUSSO, A. **Intérprete de língua brasileira de sinais: uma posição discursiva em construção**. 2009. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. Fundação Catarinense de Educação Especial. **Intérpretes educacionais de Libras: orientações para a prática profissional**. Florianópolis: DIOESC, 2013. 96p.

SANTIAGO, V. A. A. Português e Libras em diálogo: Os procedimentos da tradução e o campo do sentido. In: ALBRES, N. A.; SANTIAGO, V. A. A. (Orgs.) **Libras em estudo: tradução/interpretação**. São Paulo: Feneis, 2012. 219 p.

SANTOS, G. B. Usos e limites da imagem da docência como profissão. **Revista Brasileira de Educação**, n.52, v.18, p.11-24, 2013. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n52/02.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

SANTOS, L. F. **O fazer do Intérprete Educacional: práticas, estratégias e criações**. 2014. 200f. Tese (Doutorado em Educação Especial). Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, 2014.

\_\_\_\_\_.; DINIZ, S. L. L. M.; LACERDA, C. B. F. Práticas de interpretação no espaço educacional: para além dos limites da sala de aula. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F.; MARTINS, V. R. O. (Orgs.) **Escola e Diferença caminhos para a educação bilíngue de surdos**. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

\_\_\_\_\_.; LACERDA, C. B. F. Atuação do intérprete educacional: parceria com professores e autoria. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 78-112, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/21757968.2015v35nesp2p505>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

SANTOS, O. P. Travessias históricas do tradutor/intérprete de libras: de 1980 a 2010. **Revista do Diferê Artíficos**, v. 2, n. 4, p. 1-16, 2012. Disponível em <<http://www.artificios.ufpa.br/Artigos/ozivan>>. Acesso em 27 set. 2017.

SANTOS, S. A. **Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: um estudo sobre as identidades**. 2007. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

\_\_\_\_\_. Tradução e interpretação de língua de sinais: deslocamentos nos processos de formação. **Cadernos de Tradução**, v. 2, n. 26, p. 145-164, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p145>>. Acesso em: 30 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Tradução/Interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010**. 2013. 333f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SANTOS, K. A. S.; MARTINS, D. A. Formação do intérprete de língua brasileira de sinais: desafios e possibilidades no contexto da educação inclusiva e bilíngue para surdos. In:

Colóquio Internacional de Educação, Cidadania e Exclusão: didática e avaliação, n. 1, 2015. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 14, n.40, p. 143-155, 2009. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf)> Acesso em: 15 jun. 2017.

SILVA, A. M. Análise da participação dos alunos surdos no discurso de sala de aula do mestrado na UFSC mediada por intérpretes. In: QUADROS, R. M; WEININGER, M. J.(Orgs.) **Estudos da Língua Brasileira de Sinais III**. Florianópolis: Insular, 2014. p.99-124.

SILVA, C. A. A. **Entre a deficiência e a cultura: Análise etnográfica de atividades missionárias com surdos**. 2011. 227f. Tese (Doutorado em Ciência Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOBRAL, A. **Dizer o ‘Mesmo’ a Outros: ensaios sobre tradução**. São Paulo: Special Book Services, 2008.

SOUZA. M. M. P. TILS “profissão perigo”, louvável ou de prestígio? Reflexões sobre o “eu” mediador e a língua(gem) do outro. In: Congresso de Tradução e Intepretação. **Anais...** Disponível em <[http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012\\_traducao\\_questao\\_souza.pdf](http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_traducao_questao_souza.pdf)>. Acesso em: 27 set. 2017.

SOUZA. S. X. **Performances de tradução para a língua brasileira de sinais observadas no curso de Letras-Libras**. 2010. 174f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TANCREDI, R. M. S. P. **Aprendizagem da docência e profissionalização: elementos de uma reflexão**. São Carlos: EDUFSCar, 2009. 62p.

VARGAS, J. S; GOBARA, S. T. Interações entre o aluno com Surdez, o professor e o intérprete em aulas de Física: uma Perspectiva Vygotskiana. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n. 3, p. 449-460, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382014000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382014000300010)>. Acesso em: 13 set. 2017.

ZOVICO, N. A; SILVA, C. A. A. Acessibilidade a serviços públicos: direito de igualdade. In: ALBRES, N.A.; NEVES, S.L.G. (Orgs.) **Libras em estudo: política linguística**. São Paulo: FENEIS, 2013. 169p.

## **APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

#### **UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Você está sendo convidado a participar da pesquisa Tradutor e Intérprete de Libras: Construção da Formação Profissional. Os objetivos deste estudo são: conhecer e analisar os processos sócio-formativos do profissional tradutor e intérprete de Libras e língua portuguesa, e para isso se investiga profissionais que atuam em um município no interior do Estado de São Paulo.

Pensamos que os resultados deste estudo poderão fornecer subsídios aos profissionais que atuam no contexto da surdez para reflexão sobre os processos de mediação entre língua oral e língua de sinais no que tange a viabilizar acesso às informações.

Você foi selecionado porque atende aos critérios de seleção dos participantes da pesquisa, quais sejam: Ser presidente e/ou representante ou surdo participante da associação de surdos do município para a etapa 1; Ser tradutor e intérprete de Libras no município onde o estudo é realizado e ser reconhecido pela comunidade surda local para a etapa 2.

Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. A sua recusa na participação não trará nenhum prejuízo à sua relação com a pesquisadora.

Sua participação consistirá em responder algumas questões sobre quem são os intérpretes reconhecidos pela comunidade e por que são assim nomeados.. Haverá um questionário com perguntas referentes às condições sócio-econômicas de sua família.

Seu consentimento em participar não acarretará gastos financeiros ou riscos de ordem psicológica, física, acadêmica ou de outra natureza. E, se as lembranças trouxerem emoções muito fortes, desconfortos, incomodo moral, poderemos interromper a entrevista a qualquer momento que desejar. Portanto, o risco é mínimo e sua participação trará benefícios importantes para os estudos sobre os processos de inclusão do aluno do surdo na sociedade, especificamente, no tocante ao exercício profissional do tradutor e intérprete de Libras

Os dados da pesquisa serão coletados a partir das respostas obtidas por meio das entrevistas e dos registros da pesquisadora durante o processo de realização da pesquisa. Além disso, serão utilizadas gravações de voz para o fiel registro dos dados. Todas as informações obtidas nessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.

Os resultados serão utilizados para a conclusão da pesquisa acima citada, sob minha responsabilidade. Os dados coletados durante o estudo serão analisados e apresentados sob a forma de relatórios e serão divulgados por meio de trabalhos apresentados em reuniões científicas, congressos, seminários, encontros e de artigo científico.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados para contato com a pesquisadora. Você poderá entrar em contato a qualquer momento, a fim de retirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação na pesquisa.

---

Assinatura do Pesquisador

**O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br**

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

São Carlos, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Assinatura do Sujeito da Pesquisa

**Pesquisadora:** Priscila Regina Gonçalves de Melo Giamlourengo

**Departamento:** Departamento de Psicologia / Programa de Pós-Graduação em Educação Especial / Laboratório de Estudos e Pesquisas em Direito à Educação - Educação Especial - UFSCar.

**Contato:** Rod. Washington Luís, Km 235,  
Telefone: (16) 3351-8357

**E-mail:** primegi@yahoo.com.br

## ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UFSCAR - UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE SÃO CARLOS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Intérprete de Libras: Construção da Formação Profissional

**Pesquisador:** Priscila Melo

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 58254516.2.0000.5504

**Instituição Proponente:** CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.664.538

#### Apresentação do Projeto:

O presente estudo qualitativo buscará caracterizar os processos sócio-formativos do profissional tradutor e intérprete de Libras, Língua brasileira de sinais. Será realizado a partir da metodologia de história oral por meio de entrevista semiestruturada com questões abertas para investigar a construção da formação profissional de tradutores e intérpretes de Libras que atuam em um município no interior do Estado de São Paulo e que para

esta investigação são reconhecidos e indicados por sujeitos surdos da comunidade local, os quais neste estudo também são entrevistados por meio de entrevista com questões fechadas para que a pesquisa possa mapear que são os tradutores e intérpretes de Libras e porque são assim nomeados. O estudo busca apreender os sentidos dos processos sócio-formativos e o impacto destes na constituição do perfil e atuação profissional.

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Caracterizar os processos sócio-formativos subjacentes à atuação do profissional tradutor e intérprete de Libras em uma cidade do interior do Estado de São Paulo.

Objetivo Secundário:

1. Levantar as experiências formativas significativas do profissional tradutor e intérprete de Libras; 2. Conhecer os espaços de formação não acadêmica e o papel desses caminhos formativos na

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9683

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br

Continuação do Parecer: 1.664.538

atuação deste profissional; 3. Identificar e refletir os aspectos/impactos da formação acadêmica no processo de atuação profissional

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Durante as entrevistas podem ocorrer desconfortos referentes às emoções que as lembranças da vida podem trazer. O risco identificado na pesquisa é mínimo, pois a entrevista pode ser interrompida em caso de desconforto do entrevistado. Para minimizar o desconforto do entrevistado, o pesquisador não insistirá em temas e questões que provoquem emoções negativas, assim como, garantirá a manutenção de um clima de respeito durante toda a pesquisa. O participante poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. Os participantes assinarão um Termo de Consentimento Livre Esclarecido sobre a participação na pesquisa (APÊNDICE I).

**Benefícios:**

Opta-se pela entrevista de história oral acreditando ser possível a descrição e análise de conteúdos que contemplarão a produção de sentidos de aspectos inerentes ao ser tradutor e intérprete de Libras. A partir da entrevista aberta compreende-se a valorização das narrativas desses atores que atuam como sujeitos ativos no processo de mediação entre surdos e ouvintes e, por fim, destaca-se que as entrevistas não preveem resultados, mas certamente apresentarão diferentes conteúdos a serem investigados, descritos e replicados.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de um estudo qualitativo que objetiva caracterizar os processos sócio-formativos subjacentes a atuação do tradutor e intérprete de Libras, a partir da metodologia da história oral por meio de entrevista semiestruturada com questões abertas investiga a construção da formação profissional de tradutores e intérpretes de Libras que atuam em um município no interior do Estado de São Paulo.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Estão presentes todos os Termos de apresentação obrigatória.

**Recomendações:**

Aprovação

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9683

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br

Continuação do Parecer: 1.664.538

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há nenhuma pendência ou inadequação.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_753508.pdf	12/07/2016 14:24:43		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	versao_final.docx	12/07/2016 14:22:18	Priscila Melo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	12/07/2016 14:12:55	Priscila Melo	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	12/07/2016 13:47:42	Priscila Melo	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO CARLOS, 04 de Agosto de 2016

---

**Assinado por:**  
**Ricardo Carneiro Borra**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP **Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9683

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br